

# RelevO

jan/2019, n. 5, a.8 • Periódico literário  
independente feito em Curitiba-PR  
desde set/2010 • ISSN 2525-2704



**Assine/Anuncie:** O **RelevO** não aceita dinheiro público e se mantém com o apoio de assinantes e anunciantes. Você pode receber o jornal em casa e divulgar sua marca, projeto cultural ou seita de caráter duvidoso aqui mesmo! Saiba mais em [jornalrelevo.com/assine](http://jornalrelevo.com/assine) e [jornalrelevo.com/anuncie](http://jornalrelevo.com/anuncie) ou fale conosco no [contato@jornalrelevo.com](mailto:contato@jornalrelevo.com).

**Publique:** O **RelevO** recebe textos de todos os gêneros, de trechos de

romances sobre domos invisíveis a artigos de escritores que gostam, sobretudo, de si mesmos. O **RelevO** recebe ilustrações. O **RelevO** recebe fotografias. O **RelevO** aceita ensaios acadêmicos. Também cartuns, HQs, receitas, bulas, resenhas e ameaças. Saiba mais em [jornalrelevo.com/publique](http://jornalrelevo.com/publique) ou pelo [contato@jornalrelevo.com](mailto:contato@jornalrelevo.com).

**Newsletter:** Bowie, assassinatos, Renascimento e animais pitorescos:

nossa newsletter se chama Enclave e vai muito além da literatura. Comprove e assine (de graça) em [jornalrelevo.com/enclave](http://jornalrelevo.com/enclave).

**Imagens desta edição:** As ilustrações desta edição são de autoria de Kamila Oliveira. Você pode conferir mais do trabalho dela em [www.instagram.com/kamioliv](http://www.instagram.com/kamioliv).

Editor: Daniel Zanella  
Editor-assistente: Mateus Ribeirete  
Ombudsman: Gisele Barão  
Revisão: Mateus Senna  
Projeto gráfico: Marceli Mengarda  
Infografia: Bolívar Escobar  
Logística: Thaís Alessandra Tavares  
Advogado: Bruno Meirinho  
OAB/PR 48.641  
Impressão: Gráfica Exceuni  
Tiragem: 6.000

Edição finalizada em 18/12/2018

## Janeiro/2019

## Disso de dinheiro

### Entradas:

**Anunciantes:** R\$ 400 Felipe Harmata; R\$ 150 Whisner Fraga; Editora Fractal; R\$ 100 Editora Penalux; R\$ 75 Marli Voight; R\$ 50 FISK; Joaquim Livraria; Estação Brasil (Total: R\$ 1.025)

**Assinantes:** R\$ 200 Alexandre Guarnieri; R\$ 150 Rulian Maftum; R\$ 100 Halanna Aguiar; R\$ 60 Severo Brudzinski; Celso de Alencar; Daniela Mountain; Antonio Aílton; Viegas Fernandes da Costa; Roberto Gomes; R\$ 50 Ana Justi; Edilson Pereira dos Santos; Mayrus de Mello; Maria Keiti; Guilherme Amsterdam; Deborah Pink Perry; Rodolfo Mondoni; Natali Gomes Avancini; Marília Gonçalves; Lucas Leite; Mila Cassins; Rafael Reginato; Arlindo Ramos; Acleilton Ganzert; Luiz Bijoni; Gisele Borges; Andrea Mazza; Victor Augustus Graciotto Silva; Nico Daher; Rafaela Sinderski; Otto Winck; Shana Lima; Victor Iannuzzi Corrêa; Raí Prado Morgado; Daniele Gomes; Uva Costriuba; Willian Delarte; Romy Schinzare; Luiza Rosiete Gondin Cavalcante; João Paulo Hersegel; Luiz Claudio Soares de Oliveira; Germano Quaresma; Whisner Fraga; Clauco Oliveira; João Henrique Pimentel; Erich Zann; Elisa Ponciano; Roberto Gomes; Getúlio Xavier; Angelo Sfair; Jair Barbosa; Lilian Frabetti; Adriano Lobão Aragão; Artur Ribeiro Cruz; Ben-Hur Demeneck; Neurivan Sousa; Sandra Lucia Weber; Vinicius Mello; Anderson Henrique Gonçalves; Laís Valério Gabriel; Marília Kodice; Carvalho Junior; Neli Maria Teleginski; Victor Barros; Alex Xavier;

Kamila Oliveira; R\$ 45 Samita Barbosa; Bento Leite; Alex Xavier; R\$ 25 Rodrigo Brito (Total: R\$ 3.720)

### Saídas:

Gráfica: R\$ 1.200 / Distribuição Curitiba, RMC & PG: R\$ 1000 / Assinantes & Pontos de Distribuição: R\$ 1120 / Distribuição motoboy: R\$ 445 / Material de escritório: R\$ 330 / Taxas PayPal & BB: R\$ 100 / Redes ditas sociais: R\$ 50 Domínio anual: R\$ 90 / Domínio mensal e metafísico: R\$ 18 / Edição-assistente: R\$ 100 / Revisão: R\$ 70 / Diagramação: R\$ 100 / Empacotamento: R\$ 40 / Capa: R\$ 50 / Infografia: R\$ 70

Custos totais: R\$ 4.793

Receita total: R\$ 4.745

**Balanco de dezembro de 2018: - R\$ 48**

## Carinho da torcida

### ESPÍRITO NATALINO

**Renato Monteiro** Envie gratuitamente todo mês pelo correio, por gentileza, versão impressa do **RelevO**. Renato não tem renda. Se Renato tivesse dinheiro, Renato compraria, assinaria o **RelevO**. O que impede o envio da versão impressa pelo correio? Respondam quando puderem, por favor. Obrigado.

### THANKS

**Thais S. Freitas** Recomendo muitíssimo esse jornal.

**Sabrina Dalbello** Recebi hoje. Tá muito bonito! Eu me delicio com as cartas dos leitores.

**Rubens Jardim** O **RelevO**, feito em Curitiba desde 2010, presenteou-me publicando um poema de uma das “minhas” Mulheres Poetas. Por puro acaso, escolheu-se Iracy Gentile (1930-2001), uma das primeiras poetisas a fazer parte da Catequese Poética, movimento iniciado por Lindolf Bell, logo após o Golpe Militar de 1964. Iracy foi uma amiga muito próxima durante todos os anos de atividades da Catequese Poética. Mesmo depois continuamos a conviver e celebrar a vida. Mais adiante, ela foi morar em Salvador e abriu uma galeria de arte. Estive com ela também lá, na boa terra. Aliás, a boa terra continua “sequestrando” amigas queridas de longa data. Nilza Barude, outra

poeta dos tempos de Catequese, foi viver lá já faz muitos anos. Viviana Galante, amiga da época de Cotia, nos anos 1980, foi viver em Paris e mais recentemente ancorou em Salvador. André, filho dela, um querido, também está por lá. E por último a minha superamiga, Jezebel Salem, colega de Gazeta Mercantil e de muitas partilhas nessa vida.

**Raquel Naveira** Acompanhando o **RelevO**. Que bom!

**Maria Claudia** Um brinde! Vida longa e próspera ao **RelevO**!

**Aguinaldo Severino** Longa vida ao **RelevO**.

**Kátia Nascimento** Não desistam.

**Maya Falks** Ter um texto no **RelevO** deveria ser o sonho de todo escritor. Eu faço meus exemplares girarem!

**Henrique Santos** O **RelevO** chega e é só alegria.

### VIDAS PASSADAS!

**Henrique Junior** Vai ser difícil o **RelevO** se superar fazendo um editorial melhor que o de dezembro de 2018 (o dia a dia do jornal), e a página central, também do mesmo número, melhor que aquele calendário de página dupla! Tô chamando essa edição de a do Morris Cox — sobre e influenciada por ele.

**Tâmara Terso** Gostei da leitura. Confesso que achei o projeto quixotesco, fiquei

pensando: “quanta disposição”. Gosto de coisas assim, um tipo de entrega que aparenta uma expectativa por vir. Porém, sou jornalista e sei o quanto dá trabalho fazer jornal sem recursos. Uma dor de cabeça dos infernos ter dívidas e o sonho de um financiamento digno que não interfira na linha editorial.

**Gui Garrido** Que capa!

VAMOS MELHORAR ISSO AÍ

**Valéria Borges** Eu assinei. Paguei. Recebi somente um mês. E daí estranhamente recebi uma mensagem perguntando se gostaria novamente de fazer assinatura. Sendo que já fiz! Não entendi! E também não recebi mais o jornal.

*Da redação: Valéria, já resolvemos o seu problema de entrega. Pedimos desculpas pelo transtorno. Em certas épocas, sugerimos ao nosso corpo de leitores a antecipação do vínculo conosco para participar de uma e outra campanha de brindes.*

**Rosana Cuba** A despeito do risco e de todas as agruras, contem comigo! Vida longa ao **RelevO!**

**Marcio Bariviera** Se o **RelevO** tiver somente um assinante, este serei eu. Contem sempre comigo. Abraços!

IDEIAS

**Guilherme Huffenberg** A primeira vez que vi o jornal no tubo, em 2016, foi uma inspiração que me abriu pra várias ideias, também uma admiração por serem capazes de fazê-lo da forma como fazem. Talvez seria mais legal se ele fosse ganhando corpo, se as pessoas se sentissem engajadas no processo de criação, colaboração, participação. Penso que esse processo distante é o principal empecilho para que outras pessoas não contribuam, assinem etc. Hoje existem diversos canais de comunicação que podem ampliar o alcance e diversificar a forma de atuação. Entendo a nostalgia e o princípio de manter algo raiz, isso não precisa acabar. Acredito ser muito interessante a forma como a Vice trabalha os projetos em colaboração com empresas e coletivos, talvez seja um caminho. Entre um anúncio no jornal a um projeto de vídeo em colab, eu sou muito mais o segundo.

RELEVO BRINDES

**Homero Gomes** *Meu Pai*, do Paulo Venturelli [livro que alguns assinantes receberam de brinde] é muito bom!

E AGORA?

**Fernanda Dante** Teve um post que vocês falavam sobre a presença de mulheres no jornal. Que não mandavam muitos trabalhos pro jornal... Era isso, né? Como vocês falam isso e não tem uma mulher no conselho editorial?

**Adriano Lopes Rossi** 57 reais de lucro na edição de dezembro? Mercenários!

É PAU É PEDRA

**Gabriel Gentile** Não entendo as pessoas que assinam em Curitiba... Dá pra pegar de graça na BPP [Biblioteca Pública do Paraná]. Vão lá, galera!

**Nícolas Teixeira Cabral** Não gosto de palavrão. Concordando com Ariano Suassuna, acho vulgar. Mas, porra, puta jornal bão esse.

JORNALZINHO

**Vagner Xavier** Lendo meu jornalzinho **RelevO!**

**Benedito Lima** Muito interessante este jornal. Parabéns. A nossa luta cultural nos impõe esse idealismo e sacrifício para se alcançar mais horizontes distantes.

**Banca da Lua Sebo e Livraria** Hoje os Correios nos fez uma entrega peculiar, cheia de magníficas e surpreendentes palavras. Chegou em nossas mãos o **RelevO**, um impresso mensal de literatura editado em Curitiba. Agradecemos imensamente ao editor, Daniel Zanella, por nos ter dado a oportunidade de deliciar desse impresso que transborda sensibilidades tão vivas e únicas. Quem quiser adquirir, temos alguns exemplares (mas corre, porque acabará rápido!).

## Editorial

*Batidas na porta da frente*

*É o tempo*

*Eu bebo um pouquinho*

*Pra ter argumento*

*Resposta ao Tempo*, de Aldir Blanc

Fazemos girar um jornal de papel e de literatura desde agosto de 2010. Os ciclos nos interessam. Sempre que janeiro apita no cronômetro da vida, somos acometidos do movimento inevitável de sonhar um padrão para o ano que se inicia. Antes: o que foi, para o **RelevO**, um jornal mensal, o ano que passou?

Checamos emails recentes, observamos as abordagens de vendas de assinatura nas redes sociais, folheamos algumas edições, conversamos com outros editores, resgatamos fotografias, lemos elogios e reclamações dos leitores. Vivemos em um fluxo de contas a pagar e de jornal para sair-enviar que, muitas vezes, mal nos sobra tempo para saber o motivo de fazermos o que (e do jeito que) fazemos. E pode ser, mesmo, que estejamos envelhecendo em procedimentos, acomodados em um certo espaço que chamamos nosso.

2018 foi um ano de severas adversativas. Entre bons e maus momentos (da nossa vida interna e da macroeconomia), a tônica foi “até assinaria, mas”, “a proposta é boa, só que..”, “que legal vocês quiserem publicar meu texto, porém..”, “Já assino um outro jornal de literatura”. Passamos por efeitos-sanfona difíceis de medir em suas motivações: por que janeiro, mês de pós-sidra, foi melhor financeiramente do que outubro?

Como somos um jornal de papel e, portanto, o pessimismo deve ser de véspera (de nem fazer um jornal de papel), pensamos que assim é, assim foi porque estamos, muitos de nós, num limiar estranho, numa zona cinzenta do contemporâneo, em que nossos discursos se distanciam da prática em virtude de inúmeros percalços, dos impedimentos financeiros à construção das nossas facetas públicas, que mais se filiam à ideia do que à execução. Não esquecemos a resposta de uma responsável por um clube de leitura que disse que não nos assina porque já nos segue no Instagram. Em contrapartida, lembramos do assinante de Teresina, que nos assinou com a economia de dois meses de estágio.

Também precisamos considerar que não há mais o estigma da terra arrasada para o

jornalismo cultural impresso. Periódicos estão surgindo, novas opções de consumo, livros mais bonitos. A concorrência está aumentando — e isso é bom.

Muitas foram as sugestões para repensarmos o formato, para mudarmos de plataforma, fazermos mais vídeos interativos, criarmos memes, aumentar o preço da assinatura, publicar aquela autora, que legisla em causa própria e nos diz ter como fã Manoel de Barros — agora, que não a publicamos, alega que o nosso jornal não a empolga mais, previsível. Só que 2019 pode ser mesmo um ano de mais alcance, de mais diálogo da nossa parte com a comunidade de leitores que almejamos alcançar, de mais experimentos.

2018, na turva percepção de um jornal de papel e de literatura, foi assim: na linha tênue entre seguir e parar, entre o sim e o mas, no limbo que assusta, faz conhecer semelhantes e afasta do chão social — por isso, consideramos cada um que sobe no nosso navio-fantasma como um companheiro de bar.

Um ano em que pensamos pouco, mas melhoramos um tanto em diversos setores internos, embora os resultados editoriais não sejam tão evidentes. Alguns problemas que nos aterrorizavam, como a entrega local por parte de motoboys, hoje parece uma lenda.

Para 2019, desejamos um ano de mais não que vira sim, se, para isso, não tenhamos que tornar maleável nenhum preceito básico que nos determina, a lembrar: nunca usar dinheiro público, não fazer brinquedo com editoras, não consignar livros para majors, não engolir espadas, seguir decepcionando nossa comunidade de leitores, não escrever hagiografias. Entretanto, precisamos melhorar mais o que oferecemos como registro tátil do tempo. Se não fizermos, o tempo se encarregará de dar as devidas respostas.

Uma boa leitura a todos.

## Nosso jornal nas bibliotecas comunitárias do Brasil

|                          |  |
|--------------------------|--|
| <b>Pará</b>              | Espaço Cultural Nossa Biblioteca<br>Biblioteca Comunitária Carolina Maria De Jesus<br>Biblioteca Comunitária Rios De Letras<br>Espaço Comunitário Literário Livro Encantado BomBomLer  |
| Belém                    |  |
| Ananindeua               | Biblioteca Comunitária Moara   |
| <b>Maranhão</b>          | Biblioteca Comunitária Paulo Freire<br>Biblioteca Comunitária Prazer em Ler<br>Biblioteca Comunitária Arco Iris do Saber<br>Biblioteca Comunitária Semente Literária<br>Biblioteca Comunitária Mundo do Saber<br>Biblioteca Comunitária Portal da Sabedoria<br>Biblioteca Comunitária Josué Montello   |
| São Luís                 | Biblioteca Comunitária Wilson Marques<br>Biblioteca Comunitária Caminho do Conhecimento<br>Biblioteca Comunitária Arthur Azevedo<br>Biblioteca Comunitária da Residência 05<br>Biblioteca Comunitária Monteiro Lobato<br>Biblioteca Comunitária O Fantástico Mundo Da Leitura<br>Biblioteca Comunitária Viajando pela Alegria do Saber<br>Biblioteca Comunitária Monteiro Lobato<br>Biblioteca Comunitária Cora Coralina   |
| <b>Ceará</b>             | Biblioteca Comunitária Sorriso da Criança<br>Biblioteca Comunitária Criança Feliz<br>Biblioteca Comunitária Jardim Literário<br>Biblioteca Comunitária CL Professor Leonidas Magalhães<br>Biblioteca Comunitária Famílias Reunidas<br>Biblioteca Comunitária Mundo Jovem<br>Biblioteca Comunitária Papoco de Ideias<br>Biblioteca Comunitária Casa Cambaio de Sabiaguaba<br>Biblioteca Comunitária Plebeu - Gabinete de Leitura  |
| Ceará                    |  |
| Fortaleza                |  |
| S. G do Amarante         | Biblioteca Comunitária Literateca  |
| <b>Pernambuco</b>        | Biblioteca Popular do Coque<br>Biblioteca Comunitária Amigos da Leitura<br>Biblioteca Comunitária Educ Guri<br>Biblioteca do Cepoma  |
| Recife                   |  |
| Jaboatão dos Guararapes  | Biblioteca Comunitária do Peró   |
| Olinda                   | Biblioteca Multicultural Nascedouro<br>Biblioteca Comunitária Lar Meimei   |
| <b>Bahia</b>             | Biblioteca Comunitária Clementina de Jesus<br>Biblioteca Comunitária do Calabar<br>Biblioteca Comunitária Condor Literário<br>Biblioteca Comunitária de Italo<br>Biblioteca Comunitária Novo Amanhecer<br>Biblioteca Comunitária Padre Alfonso Pacciani<br>Biblioteca Comunitária Padre Luis Campinotti<br>Biblioteca Parque São Bartolomeu<br>Biblioteca Comunitária Paulo Freire<br>Biblioteca Comunitária Sandra Martini<br>Biblioteca Comunitária São José de Calazans<br>Biblioteca Comunitária Sete de Abril<br>Biblioteca Comunitária Tia Jana<br>Biblioteca e Infocentro Maria Rita Almeida de Andrade |
| Salvador                 |  |
| <b>Minas Gerais</b>      | Biblioteca Comunitária Livro Aberto  |
| Belo Horizonte           |  |
| Betim                    | Biblioteca Comunitária Professor Arlindo Correa da Silva<br>Biblioteca Comunitária Cantinho dos Sonhos<br>Biblioteca Comunitária Salão do Encontro   |
| Sta. Luzia               | Biblioteca Comunitária Corrente do Bem   |
| Sabará                   | Borrachalioteca  |
| <b>Rio de Janeiro</b>    | Biblioteca Comunitária Wagner Vinício<br>Biblioteca Comunitária do Cerro Corá<br>Biblioteca Comunitária Palavras Compartilhadas<br>Biblioteca Comunitária Atelier das Palavras<br>Biblioteca Comunitária Carolina Maria de Jesus<br>Biblioteca Comunitária Jurema Gomes Baptista<br>Biblioteca Comunitária Elias José<br>Biblioteca Comunitária Walter de Araújo   |
| Rio de Janeiro           |  |
| Duque de Caxias          | Biblioteca Comunitária Josimar Coelho da Silva<br>Biblioteca Comunitária MANN'S<br>Espaço Literário Balaio de Leitura<br>Varanda Literária Maria de Lourdes Miranda<br>Biblioteca Comunitária Vila Aracy   |
| Nova Iguaçu              | Biblioteca Comunitária Paulo Freire<br>Biblioteca Comunitária Thalita Rebouças<br>Biblioteca Comunitária Olhar Cultural<br>Biblioteca Comunitária Prof. Judith Lacaz<br>Biblioteca Comunitária Mágica<br>Biblioteca Comunitária Ziraldo<br>Biblioteca Comunitária Zuenir Ventura<br>Biblioteca Comunitária Três Marias<br>Biblioteca Comunitária J. Rodrigues  |
| Paraty                   | Bib. Com. Centro de Educação Integral Cairuçu Laranjeiras<br>Bib. Com. Centro de Educação Integral Cairuçu Patrimônio<br>Bib. Com. Centro de Educação Integral Cairuçu Ponta Negra<br>Biblioteca Comunitária Casa Azul<br>Biblioteca Comunitária Colibri<br>Biblioteca Comunitária Itema<br>Biblioteca Comunitária Regina Célia Gama de Miranda  |
| <b>São Paulo</b>         | Biblioteca Comunitária Caminhos da Leitura<br>Biblioteca Comunitária Cultura no Quintal<br>Biblioteca Comunitária Solano Trindade<br>Biblioteca Comunitária Ademir dos Santos<br>Biblioteca Comunitária Djeane Firmino<br>Bib. Com. EJAAC - Espaço Jovem Alexandre Araujo Chaves<br>Biblioteca Comunitária de Heliópolis   |
| São Paulo                |  |
| Guarulhos                | Biblioteca Comunitária Picadeiro da Leitura  |
| Mauá                     | Biblioteca Comunitária Mundo dos Livros<br>Biblioteca Comunitária do CCDL  |
| <b>Rio Grande do Sul</b> | Biblioteca Comunitária Girassol<br>Biblioteca Comunitária Aninha Peixoto<br>Biblioteca Comunitária do Arquipélago<br>Biblioteca Comunitária do Arvoredo<br>Biblioteca Comunitária Cepimoteca<br>Biblioteca Comunitária Chocolate<br>Biblioteca Comunitária Círculo<br>Biblioteca Comunitária Visão Periférica<br>Espaço Multicultural Livros sobre Trilhos<br>Biblioteca Comunitária do Cristal  |
| Porto Alegre             |  |
| <b>Dist. Federal</b>     | Biblioteca Escolar e Comunitária da EOS 108/308  |
| Brasília                 |  |

**QUER DISTRIBUIR O RELEVO?**  
ESCREVA PARA CONTATO@JORNALRELEVO.COM

# Locais Relevantes

**Livraria Lume** [www.lumecultural.com.br](http://www.lumecultural.com.br)

**Gato Preto** [facebook.com/gatopretodiscos/](https://facebook.com/gatopretodiscos/)

**Kikos Bar** [bit.ly/kikosbar](http://bit.ly/kikosbar)



## Pontos de distribuição do jornal RelevO pelo Brasilão doído

Relief journal distribution spots around the Brazilian crazy lands

**PARANÁ** • Curitiba Agendarte Livros / Ao Distinto Cavalheiro / Ave Lola Espaço de Criação / Baba Salim / Bar Avenida / Bar Baroneza / Bar do Dante / Bar Omitorrinco / Bar Pedro Lauro / Bar Stuart / Bec Bar Lanconete / Bica Basilio Café / Bodeguilla / Botanique / Bristol Hotel / Brooklyn Café / Café Avenida / Café Tiramisu / Café do Mercado / Café do MON / Café do Teatro / Café Lisboa / Café Mafalda / Café Milre / Café do Viajante / A Caçara - Cozinha Litorânea / Capela Santa Maria / Caramelodrama / Casa das Bolachas / Casa Verde Beer Bar / Centro Europeu / Chelsea Café / Choripan / Creative Mornings / Dizzy Café Concerto / Doce Moreira Bistrô / Café / Empório Kaveh Kanes / ESA / Expresso Café / Faculdades Santa Cruz - Balção / Fazenda Rancho Flora Café / Fingen Café / Fundação Cultural de Curitiba / Gerência Faraós do Saber / Galeria Ponto de Fuga / Hotel Slaviero Full Jazz / Itiban Comic Shop / Joaquim Livraria / Kapele Bar / Kikos Bar / Le Mundi Café Terapêutico e Livroteca / Livraria Arte & Letra / Livraria do Chaim / Magnólia Café / Merceria Fantinato / Museu Oscar Niemeyer / Museu Guido Viaro / Nobresy Pan / O Torço Bar / Panicleo / Panificadora Quintessência / Provence Boulangerie / PUC - Letras / Rádio Cultura / Rause Café e Vinho / Restaurante Mamba / Sebo Arcádia / Sebo Santos / Selvática Açúes Artísticas / SINDIJOR / SISMUC / Solar do Barão / Supermova Coffee / Teatro Lala Schneider / Teatro SESI Portão / TUBOTECA / UNIBRASIL - Jornalismo / Universidade Tuiuti - Jornalismo / UP Mossungüê - Jornalismo / UP Santos Andrade - Recepção / UTFPR - Sala dos Professores / UFPR - Letras • **Araucária** Arquivo Histórico Municipal / ASPMA / Banda Municipal / Bar do Tiko / Câmara Municipal / Casa do Artesanato / Casa da Cultura / CEU / Colégio SESI / Duetto Café / Escola Municipal Terziniha Mariano Theobald / FANEESP / FISK / Loteria Zanella / Memorial de Araucária / Museu Tingüi-Cuera / Núcleo Cultural do CAIC / Panificadora El Grano / Papelaria EBG / Panificadora Sol / Prefeitura Municipal / Rádio Iguaçu / Secretaria de Cultura / SISMAR / Teatro da Praça • **Campo Largo** Inspirarte Centro Cultural / Museu Municipal • **Castro** Espaço Cultural Casa da Praça / Casa da Cultura Emilia Erichsen • **Contenda** Escola Municipal Vanilda Dzierva / Panificadora Gaspar / Panificadora Schinda / Prefeitura Municipal • **Cruselo do Sul** Espaço Cultural Prefeito Tomoyuki Hareda • **Fazenda Rio Grande** Vó Nita Pães e Doces / Café Coração • **Guarapuava** Gato Preto Discos & Livros / UNICENTRO • **Lapa** Centro Receptivo Turístico / Livraria & Papelaria Nanise / Mundo da Leitura / Panificadora Zeni • **Londrina** UEL / Coletivo Versa / Livraria da Silvia / Nosso Sebo • **Lunionópolis** Secretaria Municipal de Educação e Cultura de Lupionópolis • **Palmeira** Supermercado Eurich / Secretaria de Educação / Secretaria de Esporte e Cultura • **Pinhais** Livraria Café Com Letras • **Piraquara** Livrarias Nobre Cultura • **Ponta Grossa** Livraria e Papelaria Universo da Leitura / UEFG - Jornalismo e Letras / Verbo Livraria 1 e 2 • **Santa Isabel do Ivaí** Secretaria de Educação e Cultura de Santa Isabel do Ivaí • **São José dos Pinhais** SESI / Secretaria de Cultura / Livraria Café Com Letras / Museu Atílio Rocco / Freguesia do Livro - Shopping São José • **Umuarama** Restaurante e Lanchonete Tio Patinhas • **SANTA CATARINA** • **Florianópolis** UFSC / Livraria Livros & Livros / CIC / Sebo Ilha das Letras Florianópolis • **Blumenau** FURB - Departamento de Letras; Divisão de Cultura / Greenplace / Livraria Blulivro • **Brusque** Livraria Saber • **Caçador** Livraria Selva • **Itaipópolis** Centro de Recepção de Visitantes • **Itajaí** Univalde • **Jaraguá do Sul** Bar do Nens / **Joinville** Barba Riva Livros & Discos / Univille • **Mafra** Restaurante Amora Sustentável / SESC • **São Bento do Sul** Dom Quixote Livros • **São José** Sebo Ilha das Letras São José • **Tubarão** Libretto Livraria • **RIO GRANDE DO SUL** • **Porto Alegre** Livraria Bambolotas / Café Cartum / Café República / Livraria Baleia / Livraria Raizes / Livraria Taverna / Traça Livraria • **Bento Gonçalves** Dom Quixote Livraria & Cafeteria • **Caxias do Sul** Dulce Amore Café & Algo Mais • **Federico Westphalen** Vitrola • **Santa Cruz do Sul** Casa das Artes Regina Simonis • **Santa Maria** Athena Livraria • **São Francisco de Paula** Miragem Livraria • **SÃO PAULO** • **São Paulo** ABER - Associação Brasileira de Encadernação e Restauro / Banca Curva / Banca Tatu / Bbooks Livraria SP / Café Raiz / Casa das Rosas / Casa do Povo / Casa Guilherme de Almeida / Cemitério de Automóveis / Comix Book Shop / Desculpe A Poeira / Escola Macunaima de Teatro / Escrevedeira / Estúdio Lâmina / Faculdade Sumaré-Letras / Galeria Hipotética / IMS / Intermeios Casa de Arte e Livros / Livraria Reserva Cultural / Livraria Zaccara / Matilha Cultural / PUC Sumaré-Letras / SESC Pompeia / Tapera Taperá / Teatro do Centro da Terra / Teatro São Pedro / UGRA PRESS • **Araçatuba** Sebo Dom Quixote • **Araçuaçu** Casa da Cultura / Palacete das Rosas • **Botucatu** Sebo Alfrarábio • **Campinas** Tarta • **Campos do Jordão** Livraria Jaguaribe • **Flora** Confraria Cult • **Guarulhos** Livraria Grurulvros • **Jundiaí** Rosa Café • **Piracicaba** Sebo do Formiga • **Ribeirão Preto**

Fundação Observatório do Livro e da Leitura / Livraria Travessa Ribeirão • **São João de Bela Vista** Bagagem Leve Sebo & Livraria • **Santo André** Gambaia Espaço de Artes e Convivência • **Taubaté** Sebo Estação Cultural • **RIO DE JANEIRO** • **Rio de Janeiro** Academia Brasileira de Letras / Belle Époque Discos e Livros / Bbooks Livraria / Casa do Choro / Espaço Olto e Meio / Espaço Saracvra / Livraria da Editora da UFRJ / Livraria Leonardo da Vinci / Livraria Universo Centro Cultural / Observatório de Imprensa / Plástico Bolha • **Itaipava** Livraria e Bistrô de Itaipava • **Paraty** Café Pingado / Casa da Cultura de Paraty / Livraria de Paraty / Teatro Espaço • **ESPIRITO SANTO** • **Vitória** Torre de Papel • **Guarapari** Banca da Lua • **São Mateus** Livraria Sebo & Arte • **Três Rios** Livraria Favorita • **GOIÁS** • **Goiânia** Evô Café Com Livros / Livraria Palavras • **MINAS GERAIS** • **Belo Horizonte** Armazém do Livro / Ateliê Estratégias Narrativas / Café 104 / Espaço Guajaj / FALÉ (Faculdade de Letras UFMG) • **Hajubá** Lume Livraria / Sebo Bis • **Juiz de Fora** Espaço Excalibur / FLUX • **Uberlândia** UFU • **DISTRITO FEDERAL** • **Brasília** Banca da Conceição / Caixa Cultural / Ernesto Cafés Especiais / Livraria, Café e Bistrô Sebinho / Rapport Cafés Especiais e Bistrô • **Celiândia** Projeto Jovem de Expressão • **Taguatinga** ONG Moradia e Cidadania • **MATO GROSSO** • **Cuiabá** Metade Cheio • **MATO GROSSO DO SUL** • **Campo Grande** Livraria LeParole • **ALAGOAS** • **Maceió** Casa de Cultura Luso-Brasileira • **BAHIA** • **Salvador** Livraria Boto-Cor-de-Rosa / Livraria e Distribuidora Multimacip • **CEARÁ** • **Fortaleza** Livraria Lamarca / Sebo Ellenia • **PARAÍBA** • **João Pessoa** Centro Cultural Espaço Mundo / Viveiro Pirata / Quintal Armorial / A Budega Arte Café / Usina Cultural Energia • **Cajazeiras** Livraria Universitária • **CZ PERNAMBUCO** • **Recife** A Vida E Bela Café / Borsoli Café Clube / Centro Cultural Raimundo Carrero / Clandestino Café / Lalá Café & Cozinha Afetiva / Livraria Idéia Fika / Malakoff Café • **Garanhuns** Livraria Casa Café • **Olinda** Sebo Casa Azul • **Salgueiro** Capabella Sebo • **PIAUÍ** • **Teresina** Casa da Cultura / Café da Gota Serena / Espaço Artístico e Galeria Sobrado / Espaço Galpão • **SERGEIPE** • **Araçaju** Livraria Escariz • **AMAZONAS** • **Manaus** O Alienígena Acento e Espaço Cultural • **PARÁ** • **Belém** Fox Vídeo • **MARANHÃO** • **São Luís** AMEI - Associação Maranhense de Escritores Independentes / Academia Ludovicense de Letras / Livraria Poeme-se / Sebo Arteiro

## Projeto Adote uma Biblioteca

Adopt Some Library project

**PARANÁ** • Curitiba Biblioteca da SEPT / Biblioteca da UniAndrade / Biblioteca da Universidade Tuiuti / Biblioteca da UP / Biblioteca da UTFPR / Biblioteca de Ciências Humanas da UFPR / Biblioteca do Bosque Alemão / Biblioteca do Colégio da Polícia Militar do Paraná / Biblioteca do Paço / Biblioteca Graciosa Country Club / Biblioteca Hideo Handa / Biblioteca Pública do Paraná / Bondinho da Leitura / Casa da Leitura Augusto Stresser / Casa da Leitura Dario Velozo / Casa da Leitura Hilda Hilt / Casa da Leitura Jamil Sneege / Casa da Leitura Laura Santos / Casa da Leitura Manoel Carlos Karam / Casa da Leitura Marcos Prado / Casa da Leitura Maria Nicolas / Casa da Leitura Miguel de Cervantes / Casa da Leitura Nair de Macedo / Casa da Leitura Osman Lins / Casa da Leitura Paulo Leminski / Casa da Leitura Vladimir Kozák / Casa da Leitura Walmar Marcelino / Casa da Leitura Wilson Bueno / Casa da Leitura Wilson Martins / Frol das Cidades / Frol do Saber Antônio Machado / Frol do Saber Aparecido Quinaglia / Frol do Saber Aristides Vinholes / Frol do Saber Emilio de Menezes / Frol do Saber Frei Miguel Bottacin / Frol do Saber Gibran Khalil / Frol do Saber Machado de Assis / Frol do Saber São Pedro e São Paulo / Frol do Saber Tom Jobim / Gerência Faraós do Saber / Gibteca Jardim Pinheiros • **Adrianoópolis** Biblioteca Cidadã Helena Kolody • **Ampere** Biblioteca Cidadã Professora Cremilda Viana • Arapongas Biblioteca Pública Municipal Machado de Assis • **Araucária** Biblioteca Pública Emiliano Pernetá / Casa das Palavras Brincantes • **Cambé** Biblioteca Pública de Cambé • **Campo Largo** Biblioteca Pública Municipal Dr. Francisco Ribeiro de Azevedo Macedo • **Campo Mourão** Biblioteca da Indústria do Conhecimento • **Cantagalo** Biblioteca Pública Municipal Valdemir José Bona • **Cascavel** Biblioteca Pública Sandálio dos Santos • **Castro** Biblioteca Cidadã Prof.ª Nelsi Kugler • **Contenda** Biblioteca Pública Municipal • **Doutor Camargo** Biblioteca Cidadã Professora Eliza Regina Castanheira de Santana • **Guarapuava** Biblioteca Municipal Padre Ruiz de Montoya / Biblioteca do Centro de Artes e Esportes Unificados - CEU • **Lobato** Biblioteca Municipal Castro Alves • **Londrina** Biblioteca Municipal de Londrina • **Marechal Cândido Rondon**

Biblioteca Cidadã Alice Weirich • **Maringá** Biblioteca Prof. Bento Munhoz da Rocha Netto / Gerência do Livro, Leitura e Literatura de Maringá • **Maripá** Biblioteca Pública Cidadã Prof. Marlene Alenbrant • **Nova Fátima** Biblioteca Cidadã de Nova Fátima • **Ourizona** Biblioteca Cidadã Prof.ª Ivete Aparecida Zaninelo Boson • **Palmeira** Biblioteca Municipal Moisés Marcondes • **Pato Branco** Biblioteca Municipal de Pato Branco • **Piñê** Biblioteca Municipal Professora Helena Braun / Biblioteca Pública Municipal de Piñê A/C Eber Godoi • **Pinhais** Biblioteca Pública de Pinhais • **Ponta Grossa** Biblioteca Pública Municipal Professor Bruno Enei • **Pontal do Sul** Biblioteca Pública Municipal Abilio João Vizzotto • **Rio Branco do Sul** Biblioteca do Colégio Manoel Borges de Macedo • **Rolândia** Biblioteca Cidadã Michael Trauman / Biblioteca Professor Eduardo Kasperski / Biblioteca Professor José Antônio Gorla / Biblioteca Pública Rui Barbosa / Biblioteca SESI Indústria do Conhecimento • **Santa Mariana** Biblioteca Pública de Santa Mariana • **Terra Boa** Biblioteca Cidadã de Terra Boa • **Teixeira Soares** Biblioteca Municipal Cidadã de Teixeira Soares • **Tibagi** Biblioteca Pública Municipal Historiador Luiz Leopoldo Mercer • **Toledo** Biblioteca Pública Municipal de Toledo • **União da Vitória** Biblioteca IFFR de União da Vitória • **SANTA CATARINA** • **Florianópolis** Biblioteca Pública de Santa Catarina • **Blumenau** Biblioteca Municipal Dr. Fritz Müller / Biblioteca Universitária da FURB • **RIO GRANDE DO SUL** • **Porto Alegre** Biblioteca Pública do Estado do RS • **Anta Gorda** Biblioteca Pública Municipal Cecília Meireles • **Pelotas** Biblioteca Pública Pelotense • **SÃO PAULO** • **São Paulo** Biblioteca Pública Alceu Amoroso Lima / Biblioteca Mário de Andrade / Biblioteca de São Paulo / Biblioteca Parque Villa-Lobos • **Arujá** Biblioteca Municipal de Arujá • **Taubaté** Coordenadoria do Sistema Integrado de Bibliotecas da UNITAU • **RIO DE JANEIRO** • **Niterói** Biblioteca Popular Anísio Teixeira • **ESPIRITO SANTO** • **Vitória** A/C Rita de Cássia / Biblioteca Pública Municipal de Vitória • **Cariacica** Biblioteca Pública Municipal de Cariacica • **Vila Velha** Biblioteca Pública Municipal Vila Velha • **MINAS GERAIS** • **Juiz de Fora** Biblioteca Pública Murilo Mendes • **Itulubata** UFU - Biblioteca Setorial Itulubata • **Monte Carmelo** UFU - Biblioteca Setorial Monte Carmelo • **Patos de Minas** UFU - Biblioteca Setorial Patos de Minas • **Uberlândia** UFU - Sistema de Bibliotecas / UFU - Biblioteca Central Santa Mônica / UFU - Biblioteca Setorial Umuarama / UFU - Biblioteca Setorial Educação Física / UFU - Biblioteca Setorial Hospital de Clínicas • **BAHIA** • **Salvador** Biblioteca Betty Coelho / Biblioteca Pública do Estado da Bahia • **Caxias** Biblioteca Pública Odylo Costa • **CEARÁ** • **Fortaleza** Biblioteca Comunitária Livre Curió • **PERNAMBUCO** • **Recife** Biblioteca Comunitária Caranguê Tabaires • **PIAUÍ** • **Teresina** Biblioteca Pública Estadual Desembargador Cromwell de Carvalho • **ACRE** • **Rio Branco** Biblioteca Estadual do Acre • **MARANHÃO** • **São Luís** Biblioteca Pública Benedito Leite / Biblioteca Central da UFMA • • **Caxias** Biblioteca Pública Odylo Costa • **PARÁ** • **Belém** Biblioteca Comunitária Antonio Tavernar • **RORAIMA** • **Boa Vista** Biblioteca Pública do Estado de Roraima • **TOCANTINS** • **Palmas** Biblioteca Pública Municipal Jaime Câmara Cortesia

## APOIATCHÉLLIS

|                         |                      |
|-------------------------|----------------------|
| Alexandre Guarnieri     | Rio de Janeiro       |
| Maurício Limeira        | Rio de Janeiro       |
| Ana Paula Oliver        | São Paulo            |
| Lis del Barco           | São Paulo            |
| Maria Carolina de Bonis | São Paulo            |
| Tcheilo Barros          | São Paulo            |
| Daniel Osiecki          | Curitiba             |
| Flavio Jacobsen         | Curitiba             |
| Jaciara Carneiro        | São José dos Pinhais |
| Joseani Ribas           | Curitiba             |
| Mara Lima               | Curitiba             |
| Samantha Abreu          | Londrina             |
| Jeison Giovanni Heiler  | Jaraguá do Sul       |
| Dinovaldo Giloli        | Florianópolis        |
| Demétrios Galvão        | Teresina             |
| Joseani Netto           | Santos Dumont        |

APOIADORES são assinantes do RelevO que nos auxiliam na divisão de custos da distribuição, levando o nosso periódico até cidades onde as nossas mãos não alcançam.

# Ouçã o público

OMBUDSMAN – Gisele Barão

Neste período como *ombudsman*, meu contato com o público do **RelevO** aconteceu exclusivamente pelas “cartas dos leitores”, publicadas nas primeiras páginas. Notei que quem se dedica a comentar no Facebook do jornal, de onde boa parte das “cartas” vêm, parece estar satisfeito com o conteúdo. Exceto por um ou outro comentário mais anacrônico, esse tipo de leitor defende o jornal das críticas, acredita que o **RelevO** descobriu prodígios da poesia e da prosa, anuncia que renovará a assinatura. Se tomarmos essas mensagens como referência, 2018 tem um balanço positivo – menos financeiramente, nós sabemos.

Há algumas semanas, porém, achei necessário fazer algo diferente. Conversei pessoalmente com leitores e leitoras do **RelevO**. Conheci assinantes, ex-assinantes, ouvi seus motivos para fazer o que fazem com este impresso – abraçá-lo ou abandoná-lo pelo caminho, por motivos variados. Alguns contaram qual era seu texto favorito. “Gostei de um sobre o Belchior”, disse um leitor. Vi um exemplar na mesa de trabalho de um colega, que afirmou: “Não me lembro de onde veio, acho que peguei por aí”.

O **RelevO** parece ganhar novos leitores com frequência. Principalmente os acidentais, que encontram exemplares por acaso em algum ponto de distribuição ou embaixo do braço de um amigo assinante. Esses, suponho, não têm grandes ressalvas para fazer quanto ao conteúdo. É mesmo muito prazeroso encontrar algo para ler em meio à rotina. Mas para quem é ou foi assinante, e acompanha o jornal frequentemente, pude perceber que algumas coisas ainda incomodam. Talvez sejam os editoriais um tanto monotemáticos. Ou o estilo dos textos selecionados. Ou os acontecimentos e pessoas marcantes para a literatura que passaram despercebidas. Ou o fato de

não recebermos muitas informações sobre os escritores que publicam no impresso. Em alguns momentos, mal temos certeza sobre a autoria dos textos.

Ser independente tem suas vantagens. No entanto, não nos exime da autocrítica nem da responsabilidade pelo que publicamos. Não é motivo para não querer crescer. Qual é o objetivo do **RelevO** com uma coluna de ombudsman, por exemplo, se é um veículo que “não se leva tão a sério”? Por mais que tenha reduzido a tiragem, a lista de pontos de distribuição é de impressionar. Existe um grande público para se atender.

Se falta dinheiro e as abordagens mais diretas aos potenciais assinantes nem sempre funcionam, talvez seja hora de repensar a estratégia. O **RelevO** tem 6,8 mil seguidores no Facebook e pouco mais de dois mil no Instagram, rede que poderia ser muito mais utilizada. Pensar além dos editoriais e se render a outras vias de marketing na internet pode ser uma solução.

Nesses últimos meses, vi surgirem mais do que desaparecerem impressos literários no Brasil. Depois de ouvir leitores e leitoras, entendo que quem não assina o **RelevO** apenas fez uma escolha. Ela é legítima e pode ser compreensível, inclusive. Neste momento, há concorrência. Outros impressos ou pacotes de leituras que podemos assinar. Como fazer o público escolher este jornal?

*Da redação: A coluna de janeiro marca a despedida da Gisele Barão do cargo de ombudsman. Foram nove meses. A partir de fevereiro, teremos nova ou novo ombudsman, titular ainda não definido. Gisele sugeriu quatro nomes, que serão avaliados pelo nosso conselho editorial e, sobretudo, consultados individualmente para vermos quem aceitará a enrascada. Somente temos a agradecer pelo período todo.*

livros | vinis



Joaquim  
Livraria & Sebo

R. Alfredo Bufren, 51  
Centro Curitiba-PR

info@joaquimlivraria.com.br fb.com/joaquimlivraria



**ADVOCACIA**

CONSUMIDOR – CÍVEL – FAMÍLIA  
CONTRATOS – TRABALHISTA

**Bruno César Deschamps Meirinho**  
OAB/PR 48.641

RUA JOSÉ BONIFÁCIO, 135, 2º ANDAR, LARGO DA ORDEM,  
SÃO FRANCISCO, CURITIBA-PR  
(41) 3564 7194 (41) 984 405 050

**FISK**

**CENTRO DE ENSINO**

**3642-3690**

**3031-7040**

R. JOÃO PESSOA, 35 – ARAUCÁRIA/PR





## Anna Akhmátova

Do livro *Poesia russa: poesia bilíngue* (Kalinka, 2016)

Tradução: Aurora Fornoni Bernardini

Anna Akhmátova (1889-1966), batizada Anna Gorienco (o sobrenome que adotou para escrever veio de sua bisavó), nasceu em Odessa, mas, em 1891, sua família mudou-se para Tsárkoie Seló, perto de Petersburgo, onde a jovem frequentou o ginásio. Ainda colegial, conheceu seu futuro marido, o poeta Nikolai Gumilióv, casando-se com ele em 1910. Entre 1906 e 1910, ela cursou duas faculdades, em Kiev (Direito) e Petersburgo (Letras). Em 1912, ao lado de seu marido e de Óssip Mandelstam, Akhmátova propôs o acmeísmo, como uma resposta ao simbolismo, defendendo uma linha de poesia neoclássica, mais harmônica e precisa, o que não a impediu de descrever as mudanças pungentes por que seu país passou no período em que ela viveu. Sua coletânea *A noite* foi publicada no mesmo ano de 1912 e, em 1914, *O rosário*, e ambas, mas sobretudo a segunda, lhe trouxeram reconhecimento imediato e inúmeros admiradores. Depois da Primeira Guerra Mundial e da Revolução de 1917, Akhmátova, que se recusou a

sair da Rússia, passou por um período de privações (chegou a ser tomada por mendiga, nas ruas). Em 1915, perdeu o pai e, logo depois, a mãe; em 1921, mais duas mortes: Aleksánder Blok, que ela admirava imensamente, e Gumilióv, que foi preso e fuzilado. Apesar de tudo, a poeta conseguiu lançar algumas antologias, como *Anno Domini MCMXXI* (1921). A partir de 1925, seus livros deixaram de ser publicados, a não ser clandestinamente. Em 1935, foram presos seu único filho, que ficou 15 anos num campo de prisioneiros, e seu segundo marido, o crítico de arte Iván Púnin, que morreria na prisão anos depois. Nessa época, Akhmátova iniciou o ciclo de poemas de *Réquiem* (1935-1940). Em 1940, o veto à sua obra foi suspenso com *De seis livros*, mas, no mesmo ano, todo o material por ela publicado foi recolhido das livrarias. A partir dos anos 1950, depois de morte de Stálin, voltou a produzir de forma mais sistemática. Um ano antes de morrer, Anna Akhmátova recebeu o título honorário de Doutor em Letras, pela Universidade de Oxford.

Женский голос как ветер несется,  
 Черным кажется, влажным, ночным,  
 И чего на лету ни коснется –  
 Все становится сразу иным.  
 Заливает алмазным сияньем,  
 Где-то что-то на миг серебрит  
 И загадочным одеяньем  
 Небывалых шелков шелестит.  
 И такая могучая сила  
 Зачарованный голос влечет,  
 Будто там впереди не могила,  
 А таинственный лестницы взлет.

A voz fêmea qual vento trazida  
 Negra parece, úmida e noturna,  
 Pelo que toca, e no ato colhida,  
 Torna-se outra, ao mudar de turno.  
 Vai vertendo seu sol de diamante,  
 Onde algo um instante esplandece  
 E uma alfaia de todo intrigante  
 De sedas de outrora estremece.  
 Pela força que é tão poderosa  
 Essa mágica voz é imantada,  
 Que aparece, em lugar de uma cova,  
 Invisível, um lance de escada.  
 <1961>

Anna Akhmátova escreveu o poema após ouvir a soprano russa Galina Vichniévskaja cantando a *Ária (Cantilena)*, Bachianas brasileiras n. 5, de Heitor Villa-Lobos.

Мне ни к чему одические рати  
 И прелесть эллегических затей.  
 По мне, в стихах все быть должно некстати,  
 Не так, как у людей.

Когда б вы знали, из какого сора  
 Растут стихи, не ведая стыда,  
 Как желтый одуванчик у забора,  
 Как лопухи и лебеда.

Сердитый окрик, дегтя запах свежий,  
 Таинственная плесень на стене...  
 И стих уже звучит, задорен, нежен,  
 На радость вам и мне.

Para as lutas das odes não costumo ligar,  
 Nem na beleza da elegia nada me soa.  
 Para mim, nos versos, tudo é fora de lugar,  
 Não como é o costume, nas pessoas.

Se soubessem de quanto busilhão  
 Crescem meus versos, sem sentir vergonha,  
 Como na cerca as flores do almeirão,  
 Como a bardana, como a beladona.

Grito sentido, cheiro de felugem,  
 No muro um secreto abolorecimento...  
 E já vem o verso provocante, em sua penugem,  
 Para o seu, para o meu contentamento.  
 <1940>

# Coragem da cor do nanquim (pt 2)

MAIDAN – Ben-Hur Demeneck



Prêmio Jabuti em 2018, *Angola Janga* é um livro arrebatador. Um título que combina qualidade gráfica, poder narrativo e reparação simbólica a séculos de soterramento oficial da história afro-brasileira. É uma amálgama de pesquisa, arte e política. Tal como a paisagem descortinada do topo da Serra da Barriga, a Palmares da “Pequena Angola” se agiganta pela personalidade e ação de personagens desumanizados pelas crônicas coloniais.

Na primeira parte da entrevista com Marcelo D’Salet, publicada na edição de dezembro do **RelevO**, o autor comentou que não foi pela escola que tinha descoberto a importância do Dia da Consciência Negra. Depois, ele explica como chegou a 11 anos de trabalho em *Angola Janga* e o quanto estudou das etnias africanas para dar vida a Zumbi, Gamba Zumba e Soares.

Os desenhos da vegetação da Palmares de D’Salet lembram muito a escola francesa de paisagem pelo caráter minucioso. O trabalho vem não somente da sua observação direta do cenário dos acontecimentos, séculos depois dos acontecimentos, mas também por ele revisitar o passado daquela a região pela obra de pintores do século 17, como Albert Eckhout e Frans Post, e do século 19, como Jean-Baptiste Debret e Johann Moritz Rugendas.

“Angola Janga é uma obra-prima!”, opina o quadrinista Wagner Willian, autor de *O Martírio de Joana Dark Side* (Texugo Editora, 2018). Em resposta ao **RelevO**, Willian observa que Marcelo D’Salet se faz “um mestre em poéticas com caráter histórico”. E complementa:

– “A história de Palmares foi retratada com tanta preciosidade, não apenas em seu sentido histórico, mas também em um patamar visual impressionante. Não há quadro que esteja perdido ali. Cada quadro é um mundo. Mundo que se versa em uma qualidade narrativa permanente e encontra seu ápice no olho da mosca, na textura da serpente, no filho erguido aos céus como um pássaro livre.”

Tanto em *Cumbe* quanto em *Angola Janga* (ambos publicados pela editora Veneta), D’Salet evidencia a luta dos negros no Brasil colonial contra a escravidão. A versão norte-americana de *Cumbe* (*Run For It*) recebeu em julho de 2018 o mais importante prêmio da indústria dos quadrinhos nos Estados Unidos, o Eisner Awards,

na categoria “melhor edição norte-americana de material estrangeiro”.

A propósito de *Run for It*, o *The Huffington Post* (EUA) publicou que “a bela e corajosa jornada de D’salet revela que se a expressão artística não pode mudar o passado, mas pode transmitir isso com uma luz mais acurada, mais fértil”. Segue a entrevista exclusiva do **RelevO**, que foi feita a partir do envio de perguntas via e-mail. As respostas vieram em áudio durante o mês de novembro de 2018 e depois passaram pelo processo de transcrição e edição.

*Como decidiu pela fisionomia desses personagens do Soares e de Acotirene?*

Soares é um dos personagens principais por ser visto em Palmares como se fosse um “judas” por ser quem traiu Zumbi no final. Mas, ao mesmo tempo, é o cara que só fez isso porque foi torturado. Ele que era o braço direito de Zumbi. Tentei demonstrar principalmente pelos olhares e pelas ações essa dúvida, esse desespero, essa agonia do Soares em diversas passagens do livro, antes de chegar a esse momento final. Em relação à Acotirene, ela era uma liderança importante em Palmares. A gente não tem certeza quanto ao nome dessa mulher — se era Acotirene ou Aqualtune. Em geral, o nome dos mocambos levavam os nomes de lideranças. Eu tentei apresentá-la como uma mulher sábia com uma função dentro de Palmares. Ela é mostrada como uma espécie de oráculo. Ela sabe das coisas que estão acontecendo e tenta antever os passos dos adversários. Para as contas e as vestimentas que ela utiliza, eu busquei inspiração em adereços de grupos de Angola e também grupos de outros locais, como foi com iorubás [também conhecidos por nagôs, localizam-se principalmente na Nigéria, Benin, Gana e Togo], que têm uma outra experiência cultural.

**[Marcas no corpo escravizado]**

Outra questão que trabalhei no livro foi a das cicatrizes e escarificações. Tentei evidenciar a diferença entre essas marcas logo no primeiro capítulo, mostrando quais eram marcas do escravismo e quais eram marcas originais de pertencimento daqueles grupos

étnicos. Nisso eu acabei me baseando em algumas referências de imagem em desenhos de [Johann Moritz] Rugendas e em fotos e desenhos do José Redinha [etnógrafo e funcionário da administração colonial portuguesa em Angola; 1905–1983] tratando dos povos de Angola. Às vezes, a partir de características de específicas de alguns grupos étnicos, mas também de alguns que são bastante semelhantes em diferentes etnias. Sempre lembrando que havia muitos grupos étnicos em Angola e no Congo.

*Em Angola Janga, você complementa a história brasileira, com seus personagens e eventos reais, tanto com cenas do dia a dia como por imagens de sonho e fantasia. Elas servem para ilustrar o medo, a coragem, o sonho e tantos outros sentimentos e momentos*

*do cotidiano dos palmaristas. Por exemplo, quando Soares salva Osenga de uma picada de cobra ou quando “Francisco” escuta pela concha do mar o som do Atlântico por onde vieram os escravizados da diáspora negra. Como se deu essa opção de contornar pela ficção os elos perdidos para sempre da história do Quilombo dos Palmares?*

Os documentos históricos revelam fatos. Eles revelam o desenvolvimento de alguns conflitos, mas nem sempre revelam os personagens. Esses personagens, as suas intenções, os seus medos, esperanças, objetivos e conflitos a gente tem que, muitas vezes, acessar a partir da ficção. E a ficção, nesse caso, tem um papel preponderante de criar esse universo de referências. Em diversos momentos eu fiquei em dúvida de como terminar um determinado capítulo, principalmente como seria o



final de Angola Janga no caso do Soares. Na primeira versão que eu tinha feito, o Soares não morria no final. Ele era capturado apenas. Depois, pensando isso, percebi que essa versão ficava muito próxima do que a gente reconhece como documento histórico — de que ele foi capturado, denunciou Zumbi e talvez tenha conseguido sua liberdade por essa atitude. Foi quando eu decidi fugir do documento histórico e imaginar um outro final possível para Antônio Soares. Achei que ele merecia esse tratamento. Até como uma remissão pelo que aconteceu. Tentei ver essa figura como um personagem complexo, com seus dramas, dúvidas e grandes desafios. Eu fiquei muito feliz quando, no final da narrativa — eu já estava finalizando —, me veio o lampejo de que seria mais interessante para o Soares terminar desse

modo. Achei condizente com a narrativa e com o personagem que estava criando para aquela narrativa.

### [Inspirado em documentos, humanizado pela imaginação]

O propósito do livro sempre foi o de trazer uma ficção interessante para o leitor atual. É claro: uma ficção embasada e inspirada em vários documentos históricos. Sempre pensando numa narrativa instigante para o leitor de hoje. Para tanto, imagino que o recurso às divagações, aos momentos de flashback e de sonho presentes no livro — quando aparece o Zumbi imaginando a sua mãe, por exemplo — são importantes para que a gente possa, mesmo que seja pela ficção — e que é algo muito digno — se aproximar desses personagens. Por meio

de soluções narrativas, é possível ampliar a compreensão de fatos históricos que, às vezes, podem ter ficado restritos a questões circunstanciais daquilo que realmente aconteceu. É claro que eles são importantes, mas os devaneios e as crenças dos personagens faziam parte desse imaginário e eu achei por bem explorar esse universo.

*O que sentiu quando visitou a região de Palmares? Como essa experiência sensorial afetou o seu quadrinho?*

Fui para o Memorial de Palmares [Parque Memorial Quilombo dos Palmares] por volta de 2008 — se não me engano. Não deu para ficar muito tempo, mas fiquei algumas horas passeando pelo local, realizando muitas fotos e conversando com moradores das proximidades. Foi muito interessante ter contato com o meio ambiente da Serra da Barriga. Foi interessante ver aquela paisagem que se tem lá do alto e que, provavelmente, é uma paisagem muito próxima daquela que os palmaristas viam há três séculos. Foi interessante ter esse contato para poder imaginar algumas cenas de *Angola Janga*. Aquela cena, por exemplo, do capítulo em que o foco está em Dara e ela está caminhando por Palmares e olha dos mirantes para as vilas próximas. Aquilo foi muito inspirado por essa experiência no Memorial de Palmares alguns anos atrás. Inclusive aparece muito na fala dela — “como é que serão as vilas? A praia? O litoral?” — locais de difícil acesso para quem estava em Palmares, devido ao grande risco de ser capturado pelo caminho. Algumas dessas anotações sobre a viagem para Palmares estão no site do livro [www.angolajanga.com.br] na seção de pesquisa do projeto. Inclusive, há algumas fotos que fiz naquele dia.

*O ano de 2018 foi o ano de Marcelo D’Salette: prêmio Eisner, escolha de livro para PNLD [Programa Nacional do Livro e do Material Didático], prêmio Jabuti, exposição no Museu Afro Brasil. Na política, porém, o país indicou uma aproximação não apenas da extrema direita como do fascismo. Que balanço faz do ano para sua carreira e o que projeta para o próximo, considerando o que ele representou individualmente, mas o quanto ele sugere de futuras restrições da liberdade de pensamento e expressão?*

É muito difícil prever o que pode acontecer e o que irá acontecer. Mas a gente sabe que o que vem aí pela frente não vai ser algo fácil. Não vai ser algo tranquilo e muito menos favorável aos trabalhadores, negros, indígenas, pobres, comunidade LGBT, mulheres. Muito ao contrário. O que está demonstrado no horizonte são desafios grandes e uma crise enorme. Pessoalmente, ocorreram muitas conquistas, mas eu acredito realmente que foram conquistas não apenas individuais, mas conquistas também coletivas. As obras que fiz somente têm sentido vindo, ao menos no meu caso, percebendo esse histórico, percebendo esse contato que eu tive com diversos grupos, sobretudo coletivos negros, discutindo problemas de desigualdade e de racismo. Foi somente a partir desses debates, leituras, discussões, participação de cursos e observação que foi possível que obras como *Cumbe* e *Angola Janga* surgissem desse modo e com esse tipo de formato. Então considero que minha premiação no Eisner e no Jabuti é também coletiva. Ela tem a ver com grupo de pessoas que vem atuando pela transformação da nossa sociedade. Compartilho essas premiações com toda essa gente que quer um Brasil diferente, um país menos desigual.

*Você acredita que algo deve mudar na postura dos artistas e intelectuais em 2019?*

Para o próximo ano, será um momento de crise. Mas como toda crise, será um momento de reinvenção de boa parte da esquerda e de qualquer grupo organizado que faz pressão política. Reinvenção em termos de se fazer presente e de se contrapor a um modelo que não apresenta propostas interessantes e positivas para grande parte da população brasileira. Não. A proposta que está posta aí pelo governo eleito onera ainda mais os mais pobres e indica a retirada de direitos em benefício dos mais ricos. Nós precisamos se contrapor a essa agenda e creio que não vai demorar para que grande parte da população perceba a gravidade da nossa situação e se mobilize firme e contundentemente contra esse tipo de política que não tem sonho nenhum. É um tipo de política baseado no medo, no ódio e na violência. E a gente não pode apoiar esse modelo de fazer política.



# À mesa

Munique Duarte

Brócolis. Pequenas árvores mastigadas lentamente. O rosto que ela avistava mesas à frente era tão familiar. Tinha traços reconhecíveis. Olhos ternos e aconchegantes, como edredom leve em dias de temperatura indefinida. O rosto inteiro era familiar. Pareciam conhecidos de longa data. A moça de uniforme vermelho pergunta se ele vai tomar alguma coisa. Ele responde água. Água aconchegante como edredom azul recém-comprado. Couve-flor é um brócolis que ficou pálido de susto. Ela repassa nas memórias antigas alguém que seja assim, como ele. Tão familiar. Poderiam ter estudado juntos, trabalhado juntos, brincado juntos em qualquer parque sujo da infância. Quem sabe ele não perguntou as horas em alguma esquina desconhecida de ruas sem nomes importantes ou lembráveis. A cada mastigada o olhar deveria ser discreto. Porque tudo poderia ser um grande engano. A presença dele mesas adiante deixou seu almoço paralisante. Comia porque iria trabalhar depois. Necessidade do estômago vazio. Mas o pensamento viajava pelo salão, circulava pelas mesas, beliscava a batata frita do prato dele e perguntava assim, diretamente, aquela frase brega “te conheço de algum lugar?”.

Na parede, o relógio, cujos números foram substituídos por frutinhas, anunciava o término da refeição e o ir embora do rosto terno e reconhecível. Talvez fosse a última refeição compartilhada com ele. Tão familiar. Amigos de infância, quem sabe. Ou de adolescência. Ou de corredores de lugares infinitos desse mundo. Quem sabe na cadeira ao lado no cinema. Cenoura crua ralada. Lembra o colorido das perucas de Carnaval. Tantos anos já

se passaram e aquele vazio no peito que não ia embora depois de cada dia de ano-novo-vida-nova. Os ponteiros do relógio faziam salada de frutas. Ela estava indecisa. Quem sabe levantar e abordar no meio do nada. Pensamentos rodopiando em cada mesa, pedindo passagem. Outro brócolis, outra couve-flor, outro champignon, outra beterraba colorida — fazendo parte da peruca carnavalesca.

Forçou a memória. Ao máximo, aos mil volts. Voltas no salão, no cérebro, em manhãs, tardes, noites. Olhos aconchegantes de pôr do sol de praia, de perfume familiar, de vestido confortável. Não era possível que não se lembraria. Fechou os olhos, mastigou com força a couve-flor pálida mal cozida, boa para intestino. De pálpebras caídas, ela o avistou. Caminhavam juntos por uma rua estreita desconhecida. Abraçados. Falavam sobre o tempo frio. Ela quis entrar numa loja e ver preço de fronhas. Ele não se importou e esperou pacientemente. Ela saiu da loja sem comprar nada. Ele sorriu ternamente, e eles continuaram caminhando devagar, como se o relógio não quisesse comer frutas da estação. Atemporal e bem nítido. Até que repentinamente tudo se desfez com o raio de sol rasgando em cheio a sua cara. Era cedo. Hora de o dia implacável começar.

Ela sorri e abre os olhos. Ele não está mais na mesa adiante. O próximo encontro será improvável. Memórias e solidão apertam em um laço e tanto. Armadilhas para animais pequenos. A comida esfriou no prato. Árvores pálidas e perucas carnavalescas. Ela deve confessar que a uva que substituiu o doze no relógio estava azeda e apressada.



Depois de investir por oito anos em jornal de papel, o Jornal RelevO decidiu entrar em outro ramo que só tende a crescer: o circo! No entanto, restrições legais das mais retrógradas impediram o uso de nosso acervo de leões, elefantes e pangolins. Diante disso, com as sobras do planejamento e alguns favores de amigos, o RelevO preparou sua I Relevo-Con-XPerience, um evento de diversos eventos para que você, sua família e as pessoas que fingem te aguentar venham eventar entre as mais variadas atrações. Confira a programação parcial!

**Data: 11, 12 e 13 de janeiro de 2019.**

**Local:** Centro de Convenções Adalberto ex-Hippie Cratera.

**Ingresso:** O RelevO Pass para os três dias está à venda por valores que iniciam em R\$900 (meia-entrada para dependentes químicos em dia com os impostos). O ingresso para um só dia custa R\$1.800. Após a estreia, os ingressos serão sociais – no sentido de que quem comprar o ingresso precisará conversar com o bilheteiro Pedrinho, de sete anos (“e muito fã do Nikão, do Athletico”).



**MONÓLOGO DE ABERTURA: O ESCRITOR MEDÍOCRE QUE NÃO SE CONSIDERA UM GÊNIO A SER DESCOBERTO**

Notável pocket show sem show com Carlos Sussão, escritor semiprofissional, com três romances lançados por gráficas fantasias de editoras. “Eu acho que escrevo relativamente bem. Digo, num país com índice de analfabetismo tão alto eu posso até dizer que me destaco. Mas olha, sei que não tenho nada de tão especial. Se eu fosse músico, minhas limitações ficariam mais evidentes. Como sou escritor, posso sempre culpar o público em geral”, declarou exclusivamente ao **RelevO**.



**AU AU INSTITUCIONAL: UM ABRIGO ANIMAL!**

**SPONSORED BY CARREFOUR**

Um controle de danos que pode durar anos!



**- TAXAÇÃO + PAGAÇÃO**

Nesta divulgação de seu livro “Liberal na economia e conservador na sua bunda”, o analista de mercado corporativo Júlio Dantas explica a melhor forma de defender o mercado (da empresa dele), ideologias de ocasião (para a empresa dele) e os interesses públicos (da empresa dele) em um cenário político partidário de desordem mental que trará menos Estado para todos, exceto para a empresa dele. É para o seu bem!



**VIK MUNIZ E O LIVRO PET, UMA REVOLUÇÃO**

Agora livre de drogas recreativas, Adailton Malhadas vem ao RelevO-Con apresentar as importantes descobertas de seus quatro anos de doutorado na USP. Na abertura, Tribalistas. O livro biodegradável faz parte da iniciativa “Sim e Não: Capa é Opressão!” do Coletivo Trolha Nunca Mais. Cada edição de *Vik Muniz e o livro pet* – tiragem limitada e astrológica de 53 exemplares – é assinada com o esperma de Malhadas.

A R  
ma  
mur  
LEI  
Vad  
espe  
Não

Substituto. L

**FRITO**

“Porra, a gente a  
Perience”, relato  
“Agora eu já dro



### PERFORMANCE JURÍDICA

levo-Con não cansa de inovar! Menos Marina Abramović, s Gilmar Mendesović: a primeira performance jurídica do do acontece aqui! Centenas de desembargadores, bacharéis e S, MUITAS LEIS se reúnem na interseção constitucional entre e Mecum e Dedo Nocum. Nessas doze horas ininterruptas de etáculos destaca-se o monólogo *O Supremo veste Supreme*. o dá pra pedir vista!



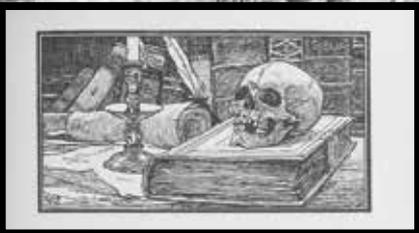
### ENTREVISTA: DÁ NO PAI QUE O PAI RESOLVE

O Clube de Regatas Flamengo e o Flamengo head\_shotZ têm o orgulho de anunciar o acerto com Rominho Feroz. Rominho é o primeiro futebolista contratado para disputar simultaneamente o Campeonato Brasileiro de Futebol e o e-Brasileirão! O bate-papo com o e-atleta será mediado pelo enxadrista e funkeiro Tony Cavallo. *Era só mais um Silva / que o Bispo não bate / Ele é um funkeiro / Mas ele dá xeque-mate.*



### OS & PERDIDOS

achou que fosse a XXX- ou Murilo Bleep Blop. *opei quatro bala*”.



### O SOL NASCE PARA TODOS (MENOS PARA AQUELES QUE SE FODERAM POR CAUSA DE CERTAS REDES DE LIVRARIAS)

Estande de realidade virtual que divulga em primeiríssima mão os bastidores do filme *B.N.D.E.S. Eu te amo: Como subir em direção ao inferno*.



### AMO CINEMA E SOU MUITO NERD: COMO AMAR CINEMA E SER MUITO NERD

Se você ama muito cinema e é muito nerd, este é seu lugar! Como você sabe se ama muito cinema? Bom, você já viu todos os *Vingadores*? Então você ama muito cinema! E como você sabe se é muito nerd? Adivinha só... já viu todos os *Vingadores*??? Bazinga!!! Um bate-papo mediado por um magrelo de óculos, um gordo de óculos e uma mulher de cabelo azul.



### CANAL PORNÔ DA DISNEY

A Disney chega forte no mercado adulto. Para divulgar sua entrada nos serviços de *streaming*, Mickey e companhia descarregam nada menos que 34 produções variadas, da elegância *soft* à porquice mais impensável. Os antenados podem acompanhar em primeira mão a exibição do longa *Caco, o cocô falante*, cujo romance que lhe serviu como base deve abocanhar o próximo Grammy de Melhor Álbum Falado. Destaca-se também a animação *Pepeca, a princesa asteca*.



### CHARLATANOL, O REMÉDIUM DOS MÉDIOS

Quem disse que a indústria farmacêutica não daria as caras em um evento de cultura popular? Provavelmente o Ministério da Saúde. Mas *que se foda* o Ministério da Saúde! O charlatanol é o primeiro remédio da história a ser desenvolvido por médiuns de jaleco. E o que ele faz? Traz dinheiro; endurece o pipi; altera as condições climáticas; prevê o futuro e o passado; pratica dosagens seguras de abusos físicos e psicológicos; estimula fusões entre duas empresas detentoras de 90% de algum setor: o que você quiser! *Nenhum risco*, nenhum “mas”, nenhuma contrapartida. Como desconfiar?

# Artur da Távola ou Paulo Alberto Moretzsohn Monteiro de Barros

Pedro Franco

I – Introdução. Início com uma crítica aos que ensaiam para homenagear um vulto histórico e ao mesmo tempo promover-se. Como há autopromoções neste nosso quartel de Abrantes! Parecem dizer, viu, fulano, tão cheio de virtudes, me tinha em alto conceito. E não vou fazer mea culpa, pois, o escrito abaixo serve não para louvação própria e sim para mostrar a forma pela qual nos conhecemos. Vale acrescentar que, quando se ensaia sobre vulto, que teve vida política, se corre o risco de ser lido por quem professa ideologia antagônica. Não fazendo no ensaio proselitismo político, acredito que fugi deste agravo.

II – Crônica. A maneira de iniciar amizade está na crônica, “O amigo com quem nunca estive pessoalmente”, publicada na *Revista Rio Total* de 01/11/2013) e que motiva o ensaio. Em 29 de maio de 1981 recebi carta de Artur da Távola: “Só agora arranjei tempo (Itaipava) para uma lida no seu livro de contos. É incrível como o fato de ser de uma geração marca a visão do mundo, as palavras, a forma de

escrever, a respiração do texto. Talvez por isso, aventurei-me com interesses por suas histórias. Ao final, “geração, nada: é que o cara é bom, escreve direto, ação e personagem (e não o autor) comandando a obra.” “Foi muito bom ler o ELAS, só ficando chateado por não saber o que houve com a Isabel e o Dr. Cardoso em Petrópolis...” “Grato, amigo, Paz e Luz. Sempre. Artur da Távola”. De 1981 até seu falecimento, em 2008, trocamos muitas cartas, bilhetes, telegramas e telefonemas. Um adendo, ontem, depois da crônica pronta, há meses, estava revendo a correspondência recebida e me espantei com o número de cartas e cartões, que um homem tão ocupado me mandava, a maioria das cartas escritas de próprio punho. Quando senador da República criou a publicação *Contato* do Senado Federal e fui convidado a escrever dois pequenos ensaios, a pedido do então senador: “Contato n05”, de out/dez de 1999. William Withering, *Digital e Literatura*. “Contato n08”, de jan/mar de 2002. Charles Dickens: *A Literatura e a Medicina*. Descobrimos que tínhamos amigos

comuns, ambos torcemos pelo Fluminense, Paulo Alberto M. Monteiro de Barros, seu verdadeiro nome, já morou no Grajaú, onde sempre morei, enfim tínhamos afinidades, inclusive políticas. Ele me apresentou à série de livros de aventuras de Winnetou, escritos pelo alemão Karl May, que li com prazer. Marcamos até um jantar na minha casa e foi desmarcado porque estava em Barbacena, onde esperava ficar poucos dias. Representava o MDB (ainda não era PMDB e depois Artur da Távola passou para o PSDB, do qual foi presidente), só que um político mineiro quis se lançar governador do Estado e a maioria do MDB não concordou. E o então Artur da Távola teve que ficar mais tempo em Barbacena do que esperava e desmarcou a vinda ao Grajaú. Este político, por não ter sido aceito candidato a governador de Minas Gerais, saiu do MDB naquela época, se candidatou depois a vice-presidente de um presidente que foi eleito e cassado e o político, que não servira para ser candidato a governador, acabou presidente da República. Brincava com o senador

que dele fora a culpa pelo ocorrido. Esta permanência em Barbacena, maior do que esperava, fez cancelar o jantar, que foi adiado, adiado. Enfim Artur da Távola morreu e nunca nos vimos, ainda que tivesse grande admiração e respeito pelo político, que se livrou até de um período triste do Senado neste 2009 e pelo intelectual, interessado em muitas áreas culturais e com profundos conhecimentos. E todos que com ele conviveram destacaram a gentileza do trato. Termina a crônica com poema do amigo, que nem sei se já foi publicado. “A Garça” “Irritante, egoísta e superior,/ macérrima estafeta do sutil/ exclamação arrogante e desafeta,/ a garça é indiferença e solidão./ O silêncio é elegante e implacável/ como o passo cauteloso de tísica/ Vaidosa, assexuada e impermeável/ a garça é geômetra e intolerante.// Curiosa, pragmática, pontual,/ autista, longilínea, insuportável/ em seu hierático olhar de rapina,/ a garça não cogita, bica./ Estável, fléxil, sobeja pernalta,/ álgido filete de brio, zen na meditação,/ virgíneo clarão de um venábulo,/ a garça é

sina, seca e supina.”

Obs.: o político, cujo nome não citei na crônica, foi o ex-presidente Itamar Franco. Saiu do MDB, ficou sem partido e, sendo homem íntegro, Fernando Collor precisou de alguém que desse embocadura à sua candidatura. E deu no que deu.

III - Notas sucintas sobre a vida de Artur da Távola. Não nasceu Artur e sim Paulo Alberto, no Rio de Janeiro, em 3 de janeiro de 1936. Jogou voleibol pelo Fluminense Futebol Clube, pelo qual torcia (uma de nossas afinidades), morou no Grajaú (outra), se formou em Direito pela Pontifícia Universidade Católica. Foi eleito deputado estadual em 1962, teve seus direitos cassados e se exilou na Bolívia e no Chile. Voltou à vida pública em 1987, sendo eleito deputado federal por duas vezes e, em seguida, senador. Manteve durante oito anos programa sobre música erudita (Quem tem medo de música clássica?), ainda que gostasse também da música popular, especialmente a brasileira. Destaco, entre suas publicações, *Nara Leão, o Canto da Resistência*, Brasília, 1999 e *Monteiro Lobato: O Imaginário. 60 anos da boneca Emília*, Brasília 1997. Apresentou 23 publicações entre livros, biografias, crônicas e estudos sobre televisão e música, tendo trabalhado como cronista na *Última Hora*, *O Globo* e *O Dia*. N’*O Globo*, na sua volta do exílio, sua crônica era das mais lidas e foi onde se firmou como Artur da Távola, pseudônimo escolhido em relação à Távola Redonda e seus éticos

cavaleiros. Foi ainda editor da Editora Bloch e diretor da Rádio Roquete Pinto. Morreu no Rio de Janeiro, em 9 de maio de 2008. Apresentei de forma sumária sua vida agitada e tenho em minhas mãos 23 telegramas e 21 cartões e bilhetes do amigo. Como um político tão ocupado e interessado em vários campos do conhecimento humano arranjava tempo para as comunicações, das quais apresento exemplos? E com um pessoa que nunca chegou a ver? Cito-as para dar substância à personalidade de Artur da Távola e não para valorizar o autor do ensaio.

#### IV - Exemplos da correspondência:

É incrível como o fato de ser de uma geração marca a visão do mundo, as palavras, a forma de escrever, a respiração do texto. Talvez por isso, aventurei-me com interesses por suas histórias.

Telegrama de 1998. “Eles fazem um rock-cool, ou rock-soul, interessante”.. Távola comenta O CD da Trupe Limousine, que lhe enviei. A banda completa 24 anos de existência em 2018. Compõe-se atualmente de Hélio Tavares (guitarra e vocal), Diniz Franco, meu filho (guitarra e vocal), Atila Santos (bateria), Henrique Tavares (vocal), Célio Bollorini (baixo) e José Nazário Zen (teclado e vocal).

Cartão de 01/04/1997 – No cartão,

em item de próprio punho, AT comenta. “Você, que é contista, não acha que a crônica é um barato! Difícil de escrever e fácil de ler. Abraços.” Devo ter respondido que concordo, só que julgo as dificuldades para escrever contos maiores ainda.

Carta de 01/09/1981 – anexo III. Entre outros assuntos, avalia afinidades. “Gostamos de com quem concordamos.”

Carta de 14/08/2004 – AT comenta no final da carta a atuação de alguns, que lhe dão esperanças, quando valoriza o patriotismo. Escrevo em 2018. Como nos faz falta um político que valorizava o patriotismo e não o fazia de forma vã!

V – Pensamentos de Artur da Távola. Entre centenas escolhi:

- O que volta depois de ter passado é porque nunca deixou de existir.
- Os que morrem na mediocridade provocam mais alívio que saudade.
- Ninguém em toda a natureza aprendeu a bastar-se a si mesmo como o gato.
- Abrir caixas, cestas e pacotes, aos poucos, é mergulhar na fantasia... A vida e o futuro são essas caixas, que vamos abrindo a cada dia, sem saber o que há lá dentro, sorriso ou frustração.
- A afinidade não é o mais brilhante, mas o mais sutil dos sentimentos. É o mais independente. Não importa o tempo, as distâncias, quando há afinidade, qualquer reencontro retoma a relação, o afeto, no exato ponto em que foi interrompido.
- Pessoas vão se transformando em peso para o mundo. Acabam com dois mil quilos de indiferença, desagrado e solidão.

• Certos graus de amor só são perceptíveis a partir da impossibilidade de se exercerem, ou da ameaça de não poderem jamais vir à tona.

• O doloroso na política é que, nela, ninguém procura se ampliar na direção do melhor do outro e, sim, reduzi-lo à dimensão menor de quem julga.

• O melhor da gente ninguém sabe.

VI - Termino o ensaio com poesia de Artur da Távola. Vou colocá-la da forma que recebi em folha solta de papel A4, junto com uma das correspondências. Data em que a recebi e se já foi publicada, não sei e lamento fazer esta afirmação.

#### UMA PERDA

*A Carlos Drummond de Andrade*

No meio do caminho tinha uma perda.  
Tinha uma perda no meio do caminho.  
Tinha uma perda  
No meio do caminho tinha uma perda.

Primeiro a irmã depois o pai.  
Não sabia que no meio do caminho  
Tinha a perda do paraíso  
que fez-me bravo.

Fui só, fui eu,  
Fui vida a partir da perda  
que me estava destinada  
no meio do caminho  
de minha mãe solitária.

Fui perda de mim mesmo  
procurando por toda a vida  
até que achado no poema  
do meu hoje encanecido.

Tudo porque  
no meio do caminho tinha uma perda.  
Tinha uma perda no meio do caminho.

Lourdes Teodoro

Poemas integrantes de *As mulheres poetas na literatura brasileira* Vol. 1, organização de Rubens Jardim

## À SOMBRA DOS EMBODEIROS DO RECIFE V

toma da máscara  
a forma exata,  
veste tua real aparência,  
medita.  
deixa cair  
a suposta essência,  
sê trigo e coquelicot:  
aceita a passagem gratuita  
da brisa  
dorme, que sonharei contigo.

## À SOMBRA DOS EMBODEIROS DO RECIFE VI

carta sem destinatário.  
não sou trezentos,  
tampouco tenho em mim todos os sonhos do  
mundo;  
custa-me ajeitar os ombros,  
com todo esse peso das mãos de uma criança,  
querendo eternamente ser em mim.  
dancei na praça:  
os meninos de rua  
soltaram o corpo comigo,  
súbito, sem loló ou crack,  
viraram folha, docemente ao vento!



Se as páginas pudessem ser de pele, não seria preciso descobrir porque goza o poema. Toda especulação em torno da relação entre arte e prazer teria seu fim se nos livros pudessemos sentir textura e calor de um corpo que escreve em si. No lugar de palavras, braços, pernas abertas, cruzadas, fechadas, que vão saindo obra afora e se confundindo também com o corpo do leitor — alvo da relação que se insinua. No lugar da revelação de um sentido, a produção de uma interminável cadeia de sensações faria o poema acontecer; leitor e poeta exaustos afinal.

Engana-se quem pensa que enquanto lê não está gozando junto, procurando uma posição mais confortável para encontrar seu prazer, mesmo que não exista conforto nenhum no sexual de que é feita a arte. Raro é esse momento da entrega ao desejo do corpo, assim como é rara a manifestação irrefreável do desejo poético. As páginas desse livro não são de pele em sua realidade material, mas a maestria com que o poeta oferece seus versos como partes de corpos inebriados de prazer, faz-nos pensar que sim. A raridade está nas mãos de William Soares dos Santos e na poesia que evoca ao tocar tantas silhuetas, enquanto produz sua arte e transforma em obra-prima um organismo que não para de se contorcer, agora do lado de cá, pronto para entrar em nós e nos deixar, também, desejar a sua entrada.

Morgana Rech

[www.editoraurutau.com.br](http://www.editoraurutau.com.br)

# As coisas que a gente faz pra gozar

Tobias Carvalho

Abro meu Grindr e chamo o primeiro: atv peludo 42, sem foto, 88kg, 180cm.

A primeira coisa que digo é Tudo bem?, e a segunda é A fim?, ao que ele responde que sim. Peço fotos, e ele me manda do pau, duro e rente à barriga cheia de pelos, o que surpreendentemente continua a agrandar guris da minha idade, lolitos nos braços de HxHs semipedófilos que buscam twinks depilados em uma mistura de fantasia sexual, tédio e insatisfação paternal a.k.a. daddy issues.

Comecei às duas da tarde. Botei o 1999 do Prince pra tocar e fui procurar uma fodinha, assim como em várias tardes antes desta. Eu ficava online, achava alguém, dizia Tudo bem?, A fim?, pedia fotos e esperava que tivesse local. (Melhor se fosse mais perto.) Pegava meu carro, ia,

cumprimentava sem perguntar o nome, entrava no apartamento, beijava, chupava, dava, conversava um pouco (talvez) e ia embora.

Não tinha mais nada pra se fazer em Porto Alegre.

Se não estava a fim, se não curtia afeminados, se era vers/pas, se curtia fisting, maduros, bears, bis, casais ou ativos, eu passava direto e ia pro próximo, sempre o que estivesse mais perto e que quisesse algo parecido com o meu perfil: 20 anos, magro, passivo, 177, 66, branco, estudante, aquariano, inseguro, insatisfeito paternal a.k.a. daddy issues e ateu, comunista, depressivo.

E eu ficava horas.

Horas porque é difícil encontrar o príncipe encantado. De príncipes e encantados a semelhança é apenas a de ser do sexo masculino. É isso o que eu

busco.

Mas o.k., o ativo 42 peludo etc não tem local, nem parece empolgado, nem gosta de signos e nem é muito bonito, apesar de o pau ser argumentavelmente decente.

O próximo tem 27 anos e mora do lado do Cavanhas, usa um undercut (o que tinha sido legal 3 ou 4 ou 5 anos atrás) e é de câncer. O corpo é magro, a altura é 176 cm e a etnia se mostra como native american, apesar de ele ser claramente branco, o que denota talvez uma identificação não fenotipicamente clara ou mesmo uma certa ignorância em relação ao que native american quer dizer.

Mas o próximo se encaixa. Tem 19, é gostoso (quase gordinho mas não gordinho, definitivamente não magro, mas com aquela barriga de chopp que não é chopp, muito mais Skol do

domingo com os amigos, a mais barata do super, a dividida em momentos em que nunca é dividido o fato de ele ser gay), e as fotos agradam. São várias, de pé, no espelho, na cama, com a câmera da frente do telefone e umas tiradas por alguém que assistiu a uma transa do guri com outro. Mora em Viamão.

Viamão. Sim, Viamão, i.e. Protásio Alves e Antônio de Carvalho e daí até o quinto dos infernos e nem ideia de onde se dobra. Mas é gostoso. Depois de todas aquelas horas, pode ser que valha a pena. Vale a pena.

Me certifico: é ativo, tem local, está sozinho, pode agora, não tem problema em me esperar, diz que me curtiu, não acredita em signos (tudo bem), curte foder bem demorado, e é assumido, o que comprova que meu poder de intuição ainda é falho depois de anos abrindo aplicativos na hora de acordar

e fechando ao dormir. Combino de chegar lá em uma hora.

Me visto, ponho uma cueca da Lupo, uma bermuda e uma camiseta meio surfista. Pego o carro e saio de casa. Está calor. É verão.

Ligo o Waze e sigo pelo caminho indicado, passando pelo campus do Vale e chegando em Viamão, onde passo por várias ruas de paralelepípedo aparentemente pacatas, mas ainda com certo aspecto sujo de poluição. Chego no lugar indicado e vejo o guri na frente de casa, de bermuda de lycra e camisa regata. Faço sinal de luz e ele entra no meu carro.

Prazer, Jonatan.

Prazer.

Meu, preciso te dizer uma coisa. Meus pais tão em casa. Não vai rolar aqui.

Porra. Podia ter me dito antes.

Achei que não iam estar.

O que a gente faz então?

Eu conheço um lugar.

Ele me dá o caminho pra um morro. Diz que não é perigoso, que era um morro onde há casas de luxo e não passa muita gente. A ideia é fuder no carro.

Vamos até lá e passamos por algumas ruas até encontrar uma em que há mais campo do que casas, algo que só existe fora de Porto Alegre.

Meu carro é tudo de que um viado precisa. Os bancos de trás podem ser abaixados até que se forme um só nível

com o porta-malas. Quase um motel.

São nove da noite quando estaciono. Finalmente podendo prestar atenção no Jonatan, vejo que o pau dele está quase saindo do calção. Sorri pra mim e me beija como se quisesse provar os cantos da minha boca, liga o ar-condicionado, me joga na parte de trás do carro.

E transa comigo feito um bicho.

Eu gosto de sexo, mas é raro que eu consiga falar muito enquanto estou pelado com alguém. O Jonatan não tem esse problema.

Senta aqui.

Chupa. Mais.

As bolas.

Senta com vontade. Agora sai. E senta.

Fica de quatro.

Fica de quatro e geme.

Geme de verdade.

Geme alto, viado.

Tu gosta de um pauzão, né.

Tu gosta.

Gozamos ao mesmo tempo, eu já havendo experimentado várias posições, algumas novas. Percebo uma ardência na lombar, e descubro que é de ralar as costas no chão áspero do carro. Ele ri do meu machucado.

Tu gostou, né?

Sim.

Também gostei.

Que bom.

Quando o cara tá a fim de fuder, é bom. Tu veio até Viamão.

Vim.

Bem putinho. Gosto de fuder com cara que não tem vergonha de ser bem putinho.

Valeu.

Deitados na parte de trás do meu carro, conversamos durante o que parecem poucos minutos. Falamos sobre faculdade, horóscopo e política. Ele faz Cinema, é leonino, vota na esquerda. Os vidros do carro começam a embaçar quando escuto o ar-condicionado morrer.

Jonatan.

Quê?

A bateria do carro. Acabou.

Vou incrédulo e ainda só de cueca tentando girar a chave na ignição. Não é possível que eu tenha sido idiota o suficiente pra deixar o carro morto e o ar-condicionado ligado.

Fica tranquilo.

Claro, Jonatan. Bem fácil falar fica tranquilo. Eu estou em um morro em Viamão, uma cidade notoriamente perigosa, às dez da noite sem bateria no meu carro, de cueca e com calor. Meus pais foram pra praia. Se eles souberem, aliás, que vim até Viamão e transei com um menino no carro deles no meio da rua, não quero imaginar o que eu vou ter que ouvir.

A gente pede ajuda em alguma casa, ele disse. E pareceu mesmo uma boa ideia.

Vou com o pé no freio enquanto ele empurra. A rua desce por alguns

metros e à frente tem uma leve subida. Tenho medo de que ele não consiga empurrar, mas o guri é forte. Paramos em frente a uma casa, e ele toca a campainha enquanto eu espero no carro.

Vemos abrir a janela um homem musculoso e careca de uns trinta anos, também vestindo bermuda de lycra e regata, mas esse certamente hétero e provavelmente não simpaticante. Tem uma tribal tatuada no enorme braço e uma cara de quem não gostou de ser incomodado.

Boa noite, senhor, diz o Jonatan. A bateria do nosso carro morreu. Tu não tem cabo pra fazer uma chupeta?

Como assim, morreu? O que vocês querem?

Acabou a bateria. A gente só queria fazer funcionar.

Mas o que vocês estavam fazendo dentro do carro?

A gente tava ouvindo música e esqueceu o ar ligado.

Vocês tavam ouvindo música na rua com o carro desligado?

É.

Espera. Vou até aí.

Saí do carro e esperei o homem sair pelo portão. Percebo que ele é mais alto do que eu esperava, e que vem vindo com um volume dentro da calça. Mas ali não havia nenhum tipo de ferramenta pra se fazer uma chupeta, e sim um revólver.

Calma, moço, eu digo, apesar de não

sentir calma.

Tô bem tranquilo, ele diz. Se vocês fizerem alguma coisa eu meto bala em vocês.

A gente só quer ir embora, eu digo, e desço do carro. Abro o porta-malas com a chave e tento ver se não há cabos pra bateria em algum lugar escondido.

Esse carro é de vocês mesmo?

É meu, sim. Na hora em que fecho o porta-malas, no entanto, o carro começa a buzinar desafinadamente, sem parar.

Jonatan, acho melhor tu ir até aquela casa e perguntar se eles não têm o cabo.

Sim, acho que é uma boa ideia.

Enquanto o Jonatan vai até a casa, o homem permanece me encarando. Não sei se ele realmente tem medo de nós ou só quer nos assustar. É verão, a temperatura é de quarenta graus, estou com meu carro aberto em uma rua escura de uma cidade-satélite de Porto Alegre com um provável eleitor do PSDB armado.

E aí, Jonatan?

Eles me disseram que não têm o cabo.

Tá, e o que a gente faz?

A gente dá um jeito. Podemos perguntar em outras casas.

Não adianta, disse o homem. Não tem ninguém aqui por esses cantos que tenha um cabo, não tem nenhum posto por aqui, e se vocês baterem na porta de alguém às dez da noite vão

pensar que vocês são assaltantes.

O que tu sugere, moço?, eu digo.

Ah, não sei.

Irritado com o descaso da resposta, noto que sou a única pessoa tensa. Não sei se porque eu sou dono do carro ou porque eu não moro em Viamão e não estou acostumado com como é lá, mas percebo que nem o revólver nem a contraditória indiferença e as suposições arbitrarias do homem parecem deixar o Jonatan preocupado. O rosto dele é sereno.

Eu ligo pro meu pai, ele disse.

Teu pai?

É, ele tem essas ferramentas e coisas de carro. Ele vem até aqui e faz a chupeta.

Não há outra solução. Ele liga pro pai, que diz que chega em vinte minutos. O homem careca, ainda nos considerando perigosos, julga melhor esperar com a gente até que o assunto se resolva.

O pai do Jonatan aparece em uma picape. O homem explica pra ele o que aconteceu e entra de volta em casa. O pai do Jonatan, tampouco parecendo escandalizado quando finalmente chega, pega seus equipamentos e, sem olhar uma vez sequer pro meu rosto, faz sozinho todo o processo de trazer meu carro de volta à vida. Tudo se resolve em poucos minutos.

O Jonatan pede pro pai ir pra casa. Diz que já vai.

No caminho, bota a mão na minha coxa.

Bah, que louco, né.

Louco, Jonatan?

Louco.

Eu achei que a gente ia morrer.

Ah, não era pra tanto.

Até teu pai apareceu.

Até meu pai.

Será que ele sabia que a gente tava ali porque tava transando no carro?

Claro. Meu pai não é trouxa. Mas não tem problema. Ele sabe que eu gosto de fuder. Quando a pessoa quer fuder, tem que deixar.

Olha tudo o que aconteceu, Jonatan. Não precisava tanto.

Mas no fim a gente gozou, não gozou?

É...

E eu até gosto quando acontece uma coisa mais emocionante.

Por quê?

Sei lá. Um não esquece o outro.

# Que fim levaram todas as flores (fragmento)

Otto Leopoldo Winck

*Trecho de seu último romance, que deve ser lançado este ano.*

Tardinha. Eu e o Júlio caminhando pelas ruas tranquilas do Alto São Francisco.

– E então?

– Então o quê?

– Pensou?

– Estou pensando. Há tempo.

– Que acha?

– Você acredita mesmo que podemos derrotar na marra a ditadura?

– Não sei. Mas guerra é guerra.

A gente nunca entra sabendo se vai ganhar ou não. Apenas com a vontade de lutar. E vencer.

– Tem falado com Elisa?

– Sim, um pouco.

– Que ela acha disso?

– Ela está fora. Quer colaborar só como simpatizante.

– E o Marcos?

– Também.

Subíamos a Rua Carlos Cavalcanti. À nossa direita, a Padaria América, onde uma vez eu viera tomar uma Crush e comer um schnecke com Vera. À esquerda, o Colégio Martinus e a Igreja do Redentor, de confissão luterana.

– Eu entendo – continuou Júlio. –

Marcos é casado. Acha que o caminho não é por aí. E Joana é contra, claro. Elisa, também. Pensa que é uma aventura.

– Mas não deixa de ser.

– Toda revolução, ainda que pautada em bases concretas, tem um quê de aventura, de risco. Faz parte do jogo. Veja o Che. Deu certo em Cuba. Não deu na Bolívia.

– Talvez ele não tenha feito uma leitura adequada da realidade.

– Com certeza. Mas, no calor dos acontecimentos, nem sempre a gente consegue interpretar corretamente os dados à nossa volta. Se os camponeses aderiram em Cuba, por que não adeririam na Bolívia se as circunstâncias eram parecidas?

Cruzamos a Almirante Barroso.

– Sei lá, Bolívia não é Cuba.

Barrientos não é Fulgencio Batista.

Júlio não retrucou. Não porque não tivesse argumentos – ele sempre tinha –, mas porque provavelmente já estava pensando em outra coisa.

Cruzamos a João Manoel e a Rua Portugal, passamos pelo convento das Filhas da Caridade, com sua Capela

da Medalha Milagrosa, e chegamos à Jaime Reis, onde viramos à esquerda. À direita, o primeiro reservatório d'água da cidade e, em seguida, a Igreja de São Vicente. Em silêncio, passamos pelo Operário e alcançamos a Praça João Cândido. Júlio, de cabelo curto, um bigodinho ridículo e calças de tergal, num processo evidente de “autoproletarização”, só não parecia operário pelo tom da pele e pelos olhos claros. Aqui no Paraná, pelo número de polacos e italianos pobres, até podia enganar.

– Você não tem medo de morrer não? – perguntei.

– Sim, tenho – ele respondeu depois de alguns instantes.

– E de ser torturado?

– Claro, tenho pavor. Mas não estou entrando nesse jogo desconhecendo as regras. Posso matar, posso ser morto, posso ser torturado. Mas nunca vou torturar. Essa é a diferença entre nós e eles, entende?

Sentamo-nos num banco.

– E você, tem medo? – agora foi a vez de Júlio perguntar, depois de acender um cigarro; eu também acendi

o meu.

– É óbvio. Não aguento nem a dor do Mertiolate – respondi, balançando o fósforo. Rimos. – Mas tenho mais medo de matar – continuei. – Acho que se tivesse alguém na mira de uma arma, eu hesitaria.

– Você não precisa ficar na linha de frente. Tem muitas outras funções.

– Eu sei. Mas na hora do bicho pegar vai sobrar pra todo mundo.

– E mesmo pra quem não entrou na peleja.

Calamo-nos. Uma brisa morna balançava de leve os ramos acima. Eu fiquei olhando as ruínas atrás do Belvedere. Do outro lado os últimos raios do sol incendiavam as nuvens barrocas que se recortavam atrás dos telhados já escuros. Quem as teria construído? Por que as abandonara? Conforme o nome – Ruínas de São Francisco –, foram os franciscanos. Júlio olhou o relógio.

– Preciso ir, bicho. Tenho um “ponto” a cumprir.

– Até mais.

– Até.

(Ponto: encontro marcado entre

dois militantes em um local e horário determinados, para acertar ações ou trocar informações.)

Levantamo-nos, lançamos fora nossas bitucas. Por um momento – dentro da timidez e reserva masculinas – nossos olhares se cruzaram. Nossos caminhos que haviam se encontrado três anos antes numa bolorenta sala de aula de uma cidadezinha do interior agora se bifurcavam: entendi isso nos olhos cinzentos e tristes e meigos do meu amigo. Sempre dentro da timidez e reserva masculinas, nos abraçamos. Abraço rápido, porém algumas frações de segundo mais demorado do que o que seria conveniente. Foi o último abraço – dentro daquela década, dentro da adolescência, dentro daquele mundo.

– Lembra de Maiakóvski? – perguntei. – “Nesta vida morrer não é difícil. O difícil é a vida e seu ofício.”

– Como não?

– Ó, cara, vê se se cuida. Não dê mole não.

– Não se preocupe. No final, tudo vai dar pé.

– Espero.

– Ah!

– O quê?

– Cuida bem dos meus selos, hein!

– Há, há. Pode deixar.

Não fazia uma semana eu tinha recebido um embrulho em casa: toda a coleção de selos de Júlio! E um bilhete: “Eu acho que nunca te dei um presente. Então aqui vai. Se puder, aumente. Saudações socialistas, Júlio Steiner.”

Eu ainda o veria – encontros rápidos – duas ou três vezes antes que ele fosse tragado definitivamente pelo sorvedouro daqueles dias. Não sei quanto tempo depois permaneci sentado naquele banco. Cheguei a cochilar. As estrelas tremiam no céu quando acordei. Lembrei-me de um poema de que gostávamos muito, do García Lorca: “Hoy siento en el corazón un vago temblor de estrellas.” Lembrei também de uma anotação que havia feito por aqueles dias: “No fundo, o desamparo é a nossa maior herança.”





**A cor e a textura de uma folha em branco** é o livro de contos de Carlos Pessoa Rosa, premiado pela UBE/CEPE, em 1998. O autor é médico-escritor, poeta, contista, ensaísta, considerado entre os 20 melhores contistas pela Rádio Francesa Internacional. Publicou também "Sobre o nome dado", "Histórias que o povo conta, mas de seu jeito de contar" pelo Coletivo Dulcinéia Catadora, de São Paulo, e "Una Casa Bien Abierta", texto infantil, pela pequeno editor, de Buenos Aires. Tem trabalhos publicados em várias revistas literárias e coletâneas.

Para adquirir o livro: [www.amazon.com](http://www.amazon.com)

### Magalhães Junior em *A vida turbulenta de José do Patrocínio*:

Acho mais regular – observei eu – convidar o povo a acompanhar-nos à Câmara Municipal, para aí proclamar, solenemente, pacificamente, mas decisivamente, a República. A minha opinião vingou. O povo estava ali para ouvir o Governo Provisório repetir com ele um viva à República Federal Brasileira. E levantei por três vezes o viva, que foi entusiasticamente correspondido.

Durante a noite de 15 de novembro estive sempre no meio do povo, percorrendo as ruas para aclamar a República.

*whisper fraga* Uma série de vídeos nos quais o escritor lê trechos e comenta obras de diversos autores.

Inscriva-se e mergulhe no universo literário. **zagreusw**

[whisperfraga.com.br](http://whisperfraga.com.br) **whisperfragaescritor** **whisperfraga**

[www.editorapenalux.com.br](http://www.editorapenalux.com.br)  
[facebook/penaluxeditora](https://facebook.com/penaluxeditora)  
 - de 50 mil curtidas  
**Penalux**

Envio de originais:  
[originais@editorapenalux.com.br](mailto:originais@editorapenalux.com.br)

Caminhamos para o sexto ano de atividades com mais **600 títulos** no catálogo, reunindo autores de todas as regiões do país, com abrangência em diversos temas, estilos e gêneros.

Publicamos contos, crônicas, poesia, romance, acadêmicos, traduções de clássicos e também literatura estrangeira contemporânea.

Ísis Odara

## menstruação

corro a noite  
a não iluminação dos postes  
os fios elétricos  
as torres de telecomunicação  
as ondas em frequência ou falta  
a humanidade em ponteiros  
as vibrações do cimento  
toda geologia embaixo  
o oxigênio dos pássaros  
corro a noite  
pés que atravessam os passos  
vácuo alojado no ventre  
náusea crepuscular  
corro a noite que ainda existe sem forma  
num solavanco existencial  
a buceta verte um breu  
que passa a se fazer no horizonte  
perco a pressa em seu escuro  
e sem o tempo encontrar  
passo a vagar  
e devagar  
divago  
pergunto ao breu pela lua  
que me responde em silêncio  
ela está a nascer

dentro de ti  
espero então  
dentro do silêncio  
que a noite me conta  
e o breu  
de repente  
se rompe  
sai de mim uma lua  
imensa  
incandesce  
estonteia  
acontece  
sai de mim uma lua quase um dia  
imensa  
a raiar  
a lua nasce  
em ângulo exato  
ao ponto que repouso meu braço  
magnética  
conjunta sua mão com a minha  
faz de mim seu imã  
me puxa pra cirandar  
dançamos sem órbita  
colidimos os mundos  
outro universo se cria:



# Descubra como será o Profissional do Futuro

**A Pós-Graduação da  
Universidade Positivo  
prepara você**

Conheça nosso curso de  
**Jornalismo Literário**  
Saiba mais em [pos.up.edu.br](http://pos.up.edu.br)



**UNIVERSIDADE  
POSITIVO**